

# **Aprendizagem cooperativa na Infância**

## **Na Educação Pré-escolar e no Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre na Especialidade  
Profissional de Educação de Pré-Escolar e em Ensino do 1º CEB do Ensino Básico**

**Marta Carvalho**

**Orientadora  
Isabel Piscalho**

**Coorientadora  
Gracinda Hamido**

## **Agradecimentos**

Este trabalho de investigação foi desenvolvido durante um longo período de tempo que foi marcado por muitos altos e baixos, momentos mais produtivos e outros menos produtivos. Foi com o apoio de algumas pessoas que sempre estiveram presentes e sempre me deram força para nunca desistir e seguir sempre em frente que consegui terminar este trabalho.

Quero, assim, agradecer a todas as pessoas envolvidas nesta investigação, quer diretamente, quer indiretamente.

A todas as crianças que me proporcionaram os três estágios deste mestrado e que me fizeram chegar a esta investigação, mesmo sem o saberem.

Às educadoras e professoras que participaram neste estudo, pois sem elas, este não teria sido possível.

À docente Isabel Piscalho e à docente Gracinda Hamido, minha orientadora e coorientadora, respetivamente, pelo apoio, compreensão nos momentos mais difíceis, disponibilidade, incentivo e supervisão científica.

A todos aqueles com quem partilhei as minhas angústias e vitórias, em particular à Cristina, que considero uma segunda mãe, que sempre me apoiou e à Mariana por todos os desabafos e por estar sempre pronta a ouvir-me.

Por fim, quero agradecer a toda a minha família, por todo o apoio dado, mas em particular à minha irmã e aos meus pais por toda a educação que me transmitiram, por nunca desistirem de mim mesmo nos momentos em que estava mais em baixo mas, principalmente, por me terem chamado à razão sempre que necessário. A eles o meu imenso obrigada.

## Resumo

O presente relatório reflete o percurso efetuado ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. O relatório encontra-se dividido entre as reflexões das intervenções realizadas nas diferentes Práticas de Ensino Supervisionadas e a parte investigativa associada à prática profissional.

Este estudo incide sobre a importância da aprendizagem cooperativa na infância no desenvolvimento das aprendizagens das crianças, analisando as características da aprendizagem cooperativa para o jardim de infância, a escola e a creche, bem como o papel do professor/educador na promoção da aprendizagem cooperativa.

O estudo realizado é de natureza qualitativa e teve como técnica de recolha de dados a entrevista semidiretiva a duas educadoras e duas professoras do 1º CEB.

Os resultados do estudo evidenciam que: a prática do trabalho cooperativo é uma mais-valia para as aprendizagens das crianças, pois tem um grande impacto a vários níveis no desenvolvimento das mesmas; é muito mais do que um trabalho de grupo, pois as crianças desenvolvem um sentido de autonomia e partilha de ideias quando cooperam umas com as outras. No entanto, as professoras dizem-nos ser difícil a implementação da aprendizagem cooperativa nos dias de hoje devido aos extensos programas do 1º CEB que têm de ser cumpridos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Cooperativa; Cooperação; Papel do educador/professor; Creche; Jardim de Infância; 1º Ciclo do Ensino Básico.

## Abstract

This study was developed as part of the Masters in Preschool Education and Teaching 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education (1st CBE) of "*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém*". It's divided among reflexions and interventions carried out in the Differentiated Teaching Practices, and the investigative part associated to the professional practice.

This study focuses on the importance of the cooperative learning in childhood on the development children learning, by analysing the characteristics of cooperative learning for kindergarten, school and day care centre, as well as the role of the teacher/educator in promoting cooperative learning.

The study carried out is of a quantitative nature and had as data collection technique the semi-directional interview to two educators and two teachers of 1st CBE.

The result of the study show that the practice of the cooperative work is an added value for children's, because it has a great impact at various levels in their development; is much more than a working group, as children develop a sense of autonomy and sharing when they cooperate with one another. However, teachers tell us it's difficult the implementation of cooperative learning these days due to the extensive programs of the 1st CBE that have to be fulfilled.

**Keywords:** Cooperative Learning; Cooperation; Role of educator/teacher; Day care centre; Kindergarten; 1st CBE

## Índice

Introdução .....	1
Parte I – O Estágio .....	3
1. Contextualização dos estágios.....	3
2. Prática de Ensino Supervisionada em jardim de infância .....	4
Caracterização do contexto.....	4
Sala e recursos educativos .....	5
Caracterização do grupo .....	6
Projeto de Intervenção .....	7
Planeamento da atividade educativa .....	9
Avaliação do Projeto.....	11
3. Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB .....	11
Caracterização do contexto.....	11
Sala e recursos educativos .....	12
Caracterização do grupo .....	12
Projeto de intervenção e planeamento da atividade educativa .....	13
Avaliação .....	15
4. Prática de Ensino Supervisionada em Creche .....	16
Caracterização do contexto.....	16
Sala e recursos educativos .....	16
Caracterização do grupo .....	18
Projeto de intervenção e planeamento da atividades educativa.....	19
Avaliação do Projeto.....	21
5. Percurso de aprendizagem profissional.....	22
Parte II – Componente Investigativa.....	24
1. Questões de investigação .....	24
2. Enquadramento teórico .....	25
Elementos essenciais da aprendizagem cooperativa.....	26
Vantagens e desvantagens .....	28
Papel do educador/professor.....	29
Formação de grupos.....	30
Tempo de duração dos grupos .....	31
Dimensão do grupo.....	32
Papéis dentro do grupo cooperativo .....	32
Recursos materiais .....	33
Gestão das atividades em grupo .....	34

3. Aspetos metodológicos .....	37
Opções metodológicas e procedimentos.....	37
Sujeitos do estudo/participantes .....	39
Apresentação e análise dos resultados .....	39
Principais conclusões.....	42
Parte III - Reflexão final .....	44
Referências bibliográficas.....	46
Anexos.....	48
Anexo I – Guião da Entrevista.....	48
Anexo II – Transcrição das Entrevistas .....	51
Anexo III - Quadro de análise da entrevista .....	69

## **Índice de Quadros**

Quadro 1 - Horário de funcionamento do jardim de infância.....	5
Quadro 2 - Dificuldades Reais da Turma (segundo o Plano de Trabalho da Turma (PPT)).....	13
Quadro 3 - Horário a ser seguido para as crianças de 3 anos. ....	35
Quadro 4 - Horário a ser seguido para as crianças de 4 anos. ....	36

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 - Exemplos de competências sociais.....	28
Tabela 2 - Funções que o professor deve assumir no desenvolvimento do trabalho cooperativo (Rodrigues, 2012, p.24 citando Fontes e Freixo, 2004, p. 59).....	30
Tabela 3 - Funções do professor em relação à turma (Rodrigues, 2012, p.25, citando Fontes e Freixo, 2004, p. 59). ....	30

## **Índice de Ilustrações**

Ilustração 1 - Atividade pedagógica (Disposição da sala) .....	9
Ilustração 2 - Atividade pedagógica (Experimentação).....	10
Ilustração 3 - Atividade Pedagógica (Registos).....	10
Ilustração 4 - Atividade pedagógica (Previsão) .....	14
Ilustração 5 - Atividade pedagógica (Experimentação e folha de registos) .....	15
Ilustração 6 - Atividade pedagógica (sentido visão - puzzle) .....	20
Ilustração 7 - Atividade pedagógica (sentido do tato) .....	20
Ilustração 8 - Atividade pedagógica (sentido paladar).....	20
Ilustração 9 - Atividade pedagógica (sentido olfato) .....	20
Ilustração 10 - Atividade pedagógica (sentido visão - puzzle) .....	21

## **Introdução**

O presente relatório foi elaborado como parte integrante da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º CEB do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, tendo como orientadora a docente Isabel Piscalho e como coorientadora a docente Gracinda Hamido. Este trabalho surge com o objetivo de dar a conhecer e analisar o trabalho desenvolvido ao longo dos três semestres, nos contextos de jardim de infância, primeiro ciclo e de creche, apresentando o meu processo de desenvolvimento profissional.

Deste modo, o presente relatório encontra-se dividido em três partes.

Uma primeira parte onde descrevo os diversos estágios que realizei, bem como o trabalho desenvolvido nos mesmos. No primeiro semestre realizei o estágio em jardim de infância numa escola primária e numa sala multietária, o segundo estágio foi realizado em contexto de 1º CEB com uma turma de 2º ano, também ele numa escola primária, mas de um contexto rural e o último estágio foi em contexto de creche e foi realizado numa IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social). Nesta parte do relatório, caracterizo em cada um deles a instituição, a sala, o grupo de crianças, os diversos projetos/planos desenvolvidos e a respetiva avaliação. Todos os estágios foram realizados na cidade de Santarém. Refiro, ainda, todo o meu percurso de aprendizagem profissional, expondo as minhas vivências, aprendizagens, dificuldades sentidas e as estratégias usadas para ultrapassar as mesmas e ainda uma síntese sobre as questões e dúvidas que foram surgindo da prática e que me levaram ao desenvolvimento do percurso investigativo.

A segunda parte diz respeito à componente investigativa, relacionada com a prática. Assim, o relatório incide sobre a aprendizagem cooperativa na infância e as suas implicações para a aprendizagem das crianças. Este tema de investigação surgiu de questões surgidas no primeiro estágio sobre o modo como as crianças realizavam as tarefas propostas no dia a dia. A meu ver o estudo tornou-se pertinente, uma vez que são cada vez mais as dificuldades das crianças em interagirem umas com as outras como seres iguais. No entanto, tem de partir do professor a iniciativa de proporcionar atividades de aprendizagem cooperativa nos alunos.

Esta segunda parte do relatório irá incluir as questões de investigação; o enquadramento teórico, onde abordo o que é a aprendizagem cooperativa, segundo diversos autores; os elementos essenciais da aprendizagem cooperativa; as vantagens e desvantagens; papel do educador/professor; a formação de grupos e a gestão das atividades em grupo. De seguida, apresento os aspetos metodológicos que foram usados, sendo que a investigação é do tipo qualitativa, quais os sujeitos/participantes deste estudo e, ainda, a análise feita às entrevistas realizadas para o estudo. No final, faço uma reflexão crítica sobre o que foi referido nas entrevistas pelas educadoras e professoras, de modo a dar uma resposta à minha questão de investigação. Por fim, faço uma conclusão sobre o tema estudado.

Na terceira, e última, parte do relatório, faço uma reflexão final de todo o trabalho desenvolvido que engloba um balanço global de todo o meu percurso formativo ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º CEB do Ensino Básico.

## **Parte I – O Estágio**

### **1. Contextualização dos estágios**

Nesta parte I do relatório de estágio irei abordar os vários estágios, realizados no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, caracterizando os contextos, as salas, os recursos educativos, os grupos, o enquadramento curricular, os projetos e planos realizados, a fundamentação teórica, o planeamento das atividades educativas, a operacionalização da atividade educativa e, por fim, a avaliação das mesmas.

O estágio é a melhor experiência que podemos ter ao longo de todo o nosso percurso escolar, pois é através deste que definimos a nossa prática, que realizamos as maiores aprendizagens e é neste, também, que nos surgem as maiores questões, principalmente, sobre como agir em determinada circunstância.

Ao longo do mestrado realizei três estágios, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, sendo eles em jardim de infância, 1º CEB e, por fim, em creche.

O primeiro estágio foi realizado no primeiro semestre do mestrado e foi em jardim de infância, numa sala com crianças de três, quatro e cinco anos de idade. Este decorreu de 15 de outubro de 2012 a 11 de janeiro de 2013.

No segundo semestre, o estágio foi realizado no 1º CEB, numa turma de 2º ano, decorrendo de 25 de fevereiro de 2013 a 17 de maio de 2013.

O terceiro e último estágio foi realizado em contexto de creche, numa sala de 2 anos e decorreu de 21 de outubro de 2013 a 17 de janeiro de 2014.

Todos estes estágios foram realizados durante dez semanas e em par pedagógico (par de estágio). A primeira semana de estágio foi de observação, a segunda de intervenção partilhada e as restantes semanas de intervenção alternada, ou seja, uma semana para cada elemento do par pedagógico. Contudo, foram planificadas sempre em conjunto.

No estágio em jardim de infância, eu e o meu par de estágio, realizámos um projeto para a sala, indo ao encontro das necessidades do grupo de crianças que nos foi apresentado e, também ao encontro dos projetos já existentes na instituição. Foi então baseado neste projeto que realizámos as nossas planificações semanais.

No 1º CEB, foi-nos solicitado um plano de estágio, na perspetiva do trabalho de projeto, onde teríamos de planificar previamente aquilo que pretendíamos realizar ao

longo das dez semanas de estágio. Neste estágio não foi construído um projeto pedagógico, mas, fomos ao encontro do projeto de turma para planearmos as nossas atividades, pois identificávamo-nos com o mesmo.

No estágio de creche, foi-nos solicitado a realização de um projeto de sala, indo ao encontro das necessidades do grupo de crianças que nos foi apresentado e, também ao encontro dos projetos já existentes na instituição. Foi então baseado neste projeto que realizámos as nossas planificações semanais.

## **2. Prática de Ensino Supervisionada em jardim de infância**

### **Caracterização do contexto**

O jardim de infância onde realizei o meu primeiro estágio está situado numa escola da zona urbana do concelho de Santarém. Este propunha apoiar as famílias, educando as crianças e preparando-as para a vida social.

As valências desta instituição eram duas: jardim de infância e 1º CEB.

A instituição possuía dois espaços exteriores: um, onde as crianças podiam brincar e o outro junto à entrada da escola, sendo este espaço comum ao 1º CEB e ao jardim de infância.

Os espaços, quer interior, quer exterior eram amplos, o que era uma benesse para os dias de chuva, pois as crianças conseguiam brincar no interior da instituição.

Esta instituição era recente e, por isso, encontrava-se preparada para receber crianças com mobilidade reduzida, pois tinha elevador para as cadeiras de rodas e todas as entradas da instituição estavam preparadas para estas crianças. Contudo, percebi que a escola quando foi construída não foi a pensar integrar o jardim de infância e, por isso, as casas de banho encontravam-se muito longe das salas. Para além disto, as salas de jardim de infância foram colocadas no piso inferior ao da entrada o que obrigava as crianças a subir e descer as escadas no dia a dia e sempre que houvesse algum problema.

Contudo, também tem algumas falhas, nomeadamente, nas salas de jardim de infância, porque não tinham aquecimento e eram salas muito frias. Depois de uma conversa com a educadora e depois de estar mais inserida na escola percebi que as salas de jardim de infância eram as únicas que não tinham aquecimento.

Esta instituição dava resposta a 50 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, ou seja, eram grupos multietários.

O jardim de infância funcionava com duas educadoras e três assistentes operacionais, sendo que as três davam apoio às duas salas, ficando, posteriormente, duas a fazer o prolongamento na Componente de Apoio à Família (CAF).

Este jardim de infância funcionava das 8h45 às 17h30, contudo nem todas estas horas eram de atividade letiva, mas também de CAF.

Horário	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
8h45 às 9h00	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h00 às 12h30	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva
12h30 às 14h00	Almoço				
14h00 às 15h30	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva
Prolongamento 15h45 às 17h30	ED.	AFD	ED	MÚSICA	AFD

**Quadro 1** - Horário de funcionamento do jardim de infância

No prolongamento, as crianças eram divididas em dois grupos, enquanto um se encontrava na atividade o outro encontrava-se com as assistentes operacionais, seguindo as orientações emanadas no projeto da Componente de Apoio à Família (CAF) elaboradas pelas educadoras no início do ano letivo.

### **Sala e recursos educativos**

A sala do grupo em que estagiei encontrava-se dividida em diferentes áreas de atividades: o faz de conta, os jogos de mesa, a garagem/construções, a biblioteca, a plasticina e o computador e cada uma delas tinha diversos materiais para que as crianças pudessem explorar.

Ao longo do estágio observei que as áreas preferidas das crianças eram o faz de conta, os jogos de mesa, a plasticina e o computador, sendo que o faz de conta e o computador eram sempre aquelas que geravam mais discussão, pois eram as que suportavam o menor número de crianças, no faz de conta apenas podiam estar quatro

crianças e no computador três crianças, neste sentido, acontecia, muitas vezes, as crianças escolherem uma destas áreas e estas já se encontrarem lotadas, o que levava as crianças a ficarem chateadas pela sua escolha não se encontrar disponível.

### **Caracterização do grupo**

O grupo de crianças deste jardim de infância era formado por vinte e cinco crianças, sendo quinze do sexo feminino e dez do sexo masculino. A maioria das crianças encontrava-se no jardim de infância pelo segundo ano consecutivo, uma pelo terceiro ano consecutivo e sete tinham entrado pela primeira vez, naquele ano. Havia ainda uma criança que apenas integrou o grupo no 2º período, em janeiro.

Existiam três crianças que frequentavam consultas de desenvolvimento, sendo que duas delas foram encaminhadas para a educação especial, apresentando problemas comportamentais. A outra criança apresentava dificuldades de linguagem.

O grupo, no seu todo e segundo o projeto de turma elaborado pela educadora, era um grupo que não compreendia o bom funcionamento da sala, principalmente no cumprimento de regras. Isto acontecia, principalmente, com as crianças que se encontravam pela primeira vez no jardim, devido a estarem ainda em período de adaptação. Este era também muito barulhento o que, por vezes, prejudicava o desenvolvimento de atividades dirigidas em pequenos grupos, devido ao elevado ruído existente na sala.

Pude observar que, para a maioria do grupo, o tempo de concentração/atenção nas atividades era muito reduzido, tornando-o instável, principalmente nas conversas em grande grupo realizadas no tapete e nas atividades livres estando, constantemente, a querer mudar de área.

Contudo, o grupo era bastante unido, as crianças interagiam e cooperavam com todas e não existia discriminação por parte de nenhuma criança para com as outras, ou seja, apesar de o grupo ter doze crianças novas, nenhuma delas era deixada de parte pelas outras, isto porque existia por parte da educadora um trabalho para que isto não acontecesse e fizesse com que as crianças aprendessem a lidar com os outros. Inclusive a educadora tinha um lema que era “somos todos amigos e damo-nos todos bem”.

As atividades que eram dirigidas pelo adulto eram sempre realizadas em pequenos grupos, ou seja, numa mesa sentava-se o adulto e com duas ou três crianças em que cada uma realizava o seu trabalho individualmente, sem existir uma interação

entre as crianças nem uma entreajuda, apesar de o intuito da educadora ser que as crianças de cinco anos ajudassem as crianças mais novas, ou seja, tentava-se sempre que fossem crianças de três, quatro e cinco anos a realizar a tarefa ao mesmo tempo. O que acontecia era que as crianças queriam terminar rapidamente o seu trabalho para poderem ir brincar e quando era pedido às crianças de cinco anos que ajudassem as mais pequenas que estavam com dificuldades elas diziam que não queriam ajudar, pois queriam ir brincar. Deste modo, as atividades acabavam por ser todas individuais, apesar de estarem sentados em grupo.

Durante todo o período de estágio nunca observei atividades que fossem realizadas em grupo, a não ser as que eram realizadas no tapete e que, muitas vezes, eram apenas conversas sobre determinado tema com as crianças, ou seja, não havia uma planificação em que as atividades fossem realizadas em pequenos grupos. Todas as outras atividades que realizavam eram individuais, pois a educadora argumentava que era mais fácil e que as crianças assim aprendiam mais, o que me levou a questionar se as crianças em atividades realizadas em grupo não aprenderiam também e se essas não seriam realmente melhores para o desenvolvimento de algumas crianças que tinham mais dificuldade em trabalhar com os outros.

### **Projeto de Intervenção**

O projeto que eu e o meu par de estágio elaborámos intitulava-se “Aprendendo a Brincar... Cantar... Reciclar... o ambiente vamos ajudar”.

Escolhemos este tema pois percebemos que o grupo de crianças com a música conseguia ficar mais calmo e mais concentrado. Isto porque, numa das atividades que planificámos, cujo recurso se baseava numa música e num vídeo transmitido através da internet, observámos que esta despertava interesse e motivação para as crianças, ficando estas muito mais atentas e com vontade de interpretar o que viam e ouviam. Deste modo, achámos pertinente introduzir um momento de expressão musical na maioria dos temas que pretendíamos abordar, levando as crianças a desenvolver a capacidade de memorização e atenção e, ao mesmo tempo, desenvolver competências e conhecimentos curriculares.

Assim, associámos a música à reciclagem, pois a escola investia muito nesse tema, tendo estado já em alguns anos interligada ao projeto Eco-escolas.

Neste sentido, pretendíamos dar continuidade ao envolvimento por parte da comunidade educativa, solicitando a sua colaboração e participação, na construção de instrumentos musicais, assim como, pretendíamos convidar familiares e/ou amigos a vir à nossa sala tocar um instrumento, permitindo, assim, às crianças um contacto com variados instrumentos.

Enquanto profissionais de educação considerávamos que a expressão musical contribuía para que o indivíduo aprendesse a viver em sociedade, abrangendo aspetos comportamentais como a disciplina, o respeito e a gentileza.

Segundo Post e Hohmann (2011)

ao explorar a música com o seu corpo e a sua voz, a criança expande a consciência sensorial do som e do ritmo. Assim, as experiências-chave do movimento e da música que educadoras e amas proporcionam levam a que bebês e crianças tenham domínio sobre: movimentar partes do corpo; movimentar o corpo todo; movimentar objetos e movimentar-se, escutar e responder à música; experimentar um ritmo regular e explorar sons, tons e começar a cantar.

O ensino da música favorecia, ainda, o desenvolvimento do gosto estético e da expressão artística, assim como o gosto e o sentido musical.

A linguagem musical deveria ser um meio de uma educação da pessoa inteira, criativa e crítica, e só terá bons resultados na adequação de atividades se estas se revelarem através de uma postura reflexiva e crítica do professor, facilitando a aprendizagem, organizando experiências que garantam a expressividade infantil.

Segundo Cordeiro (2012, pp 417-419), a música é fundamental para o desenvolvimento da criança, contudo ainda não adquiriu um lugar no espaço infantil. No entanto é necessário desenvolver capacidade e talentos musicais nas crianças, bem como habituá-las a viver a música, ou seja, a criança deverá ter contacto com diversos géneros musicais no seu dia a dia o que levará a criança a desenvolver os seus próprios gostos e preferências.

Deste modo, é importante que o educador, ao trabalhar a expressão musical tenha conhecimentos fundamentais como o som, o ritmo, o ouvido musical, a melodia, a harmonia e a inspiração. O docente deve proporcionar à criança a curiosidade e o interesse, levando-a a reconhecer e a imitar os sons.

Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-escolar a expressão musical está relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.

### **Planeamento da atividade educativa**

Como referido anteriormente, o tema central do nosso projeto era a música, contudo, tentámos interligar todas as áreas de conteúdo das Orientações Curriculares para a Educação de Pré-Escolar com a expressão musical.

Assim, no final do projeto era pretendido que as crianças fossem capazes de:

- Trabalhar a consciência fonológica através das letras das canções, fazendo compreender aquilo que se dizia e tirando partido das rimas para a discriminação dos sons;

- Promover a expressão motora através da interpretação da música (dança);

- Explorar diferentes sons e ritmos, através de alguns instrumentos e do corpo, tendo em conta as diferentes características do som: a intensidade, a altura e a duração;

- Proporcionar e dinamizar a intervenção e participação da comunidade educativa nas atividades a desenvolver, nomeadamente, na realização dos instrumentos musicais;

- Adquirir espírito crítico e interiorizar valores através da educação para a preservação do meio ambiente, aprendendo a utilizar materiais recicláveis para a elaboração dos instrumentos musicais.

Utilizámos diversas estratégias para atingirmos os nossos objetivos, tais como, memorização frase a frase, contagem de palavras, mímica, movimento e audição e visionamento de canções.

Das diversas atividades desenvolvidas, gostaria de destacar a atividade experiencial com água – flutua e não flutua. Nesta atividade, as crianças encontravam-se sentadas nas mesas que estavam dispostas, previamente, em forma de U, para que todas pudessem observar o desenrolar da atividade.

A atividade foi iniciada perguntando às crianças se sabiam o que significava flutuar. As crianças responderam ao que lhes foi



**Ilustração 1 - Atividade pedagógica (Disposição da sala)**

solicitado e após as respostas, foi dado, então, o significado de flutuar. Seguidamente, foram mostrados vários objetos para que dissessem o que achavam que iria acontecer aos mesmos quando fossem colocados dentro de um recipiente com água, ou seja, se estes iriam flutuar ou não. Assim, estaríamos a prever aquilo que iria acontecer para posteriormente colocar na folha de registos.

Após terminar a previsão, passaríamos então à experimentação, em que cada criança iria colocar um objeto dentro da tina com água e, assim, observar o comportamento que este tinha, sendo que ao mesmo tempo iríamos colocariamos aquilo que realmente observamos com cada um dos objetos.

No final, após os dois registos feitos as crianças foram confrontadas com os resultados, perguntando-lhes se aquilo que tinha sido previsto ia ao encontro daquilo que realmente foi observado. Depois foram questionados do porque de aquilo acontecer, ou seja, o porque de uns objetos flutuarem e outros não.

De seguida, foi mostrado uma tira de plasticina e perguntado às crianças o que achavam que iria acontecer, sendo



**Ilustração 3 - Atividade Pedagógica (Registos)**

colocando, posteriormente, a mesma dentro de água. Seguidamente, foi mostrada uma tira de plasticina moldada em forma de barco tendo sido questionado se achavam que iria acontecer o mesmo que no caso anterior.

Para terminar, foi mostrado uma batata e uma maçã, usando o processo anterior para ver o que acontece.

Finalizada a atividade foi perguntado às crianças o que era então flutuar, se todos irão ao fundo quando colocados dentro de água, se os objetos mais pequenos iam todos ao fundo ou não e os grandes.



**Ilustração 2 - Atividade pedagógica (Experimentação)**

### **Avaliação do Projeto**

A avaliação do projeto foi realizada através de observação direta, da motivação das crianças no desempenho das atividades, do feedback dos familiares e de outros agentes educativos e de registos gráficos e escritos.

Os instrumentos utilizados foram as fotografias, os vídeos, os desenhos e alguns registos escritos no decorrer das atividades. Os registos escritos e os desenhos eram instrumentos que permitiam avaliar o trabalho desenvolvido, permitindo uma reflexão/conclusão em grande grupo. Consideramos que os vídeos são instrumentos de avaliação muito importantes, pois permitem, numa fase posterior, reviver o momento, refletindo e avaliando, assim, como se estivéssemos a realizá-lo no próprio instante.

Este processo acabou por ter mais sucesso do que eu e o meu par de estágio esperávamos, pois os instrumentos musicais teriam de ser realizados em casa, juntamente com os pais e nós pensámos que os instrumentos não viessem feitos, mas na verdade isso não aconteceu; quase todas as crianças trouxeram um instrumento e originais. Neste sentido, conseguimos explorar muitos e diversificados instrumentos e conseguimos que todas as crianças participassem ativamente nesta experiência.

## **3. Prática de Ensino Supervisionada em 1º CEB**

### **Caracterização do contexto**

O meu estágio de 1º CEB foi realizado numa turma de 2º ano, numa escola situada numa zona rural do concelho de Santarém. Neste contexto, o mais importante era apoiar as famílias, educando as crianças e preparando-as para a vida social.

A escola dispunha de duas valências: jardim de infância e 1º CEB.

O edifício era composto por dois pisos e pelo espaço exterior. O rés-do-chão apresentava quatro salas de aula, uma de professores, um refeitório, uma arrecadação, três casas de banho, uma biblioteca, uma reprografia e as escadas de acesso ao primeiro piso. Já no primeiro piso existiam duas salas de aula e duas casas de banho.

A turma era composta por vinte e cinco alunos entre os 7 e os 8 anos, tendo uma professora titular, uma professora de expressão plástica, uma professora de apoio e outra professora de Português Língua Não Materna. Após terminadas as aulas letivas algumas crianças tinham as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) que eram lecionadas por três professores, de educação física, de inglês e de expressão musical.

A escola funcionava das 8h30 às 18h00, sendo este tempo dividido entre as atividades letivas e as Atividades de Enriquecimento Curricular.

### **Sala e recursos educativos**

A sala de aula era ampla e com luminosidade natural e artificial. Tinha diversos armários para que os alunos colocassem os seus materiais não havendo necessidade de os levarem diariamente para casa.

Existiam ainda dois quadros, um maior e um mais pequeno, sendo que o maior não era utilizado devido à disposição dos alunos na sala e o mais pequeno servia somente para abrir a lição. Os restantes recursos eram apresentados no quadro interativo que estava ligado a um computador portátil.

As mesas eram suficientes para todos os alunos, assim como as cadeiras, no entanto, não eram as mais adequadas, pois quando se começavam a degradar podiam magoar os alunos. Refere-se ainda que não eram todas do mesmo tamanho o que acabava por dificultar a disposição da sala, visto que aquelas mesas deviam ficar mais perto dos quadros e, por vezes, as filas ficavam desniveladas. Ao longo do nosso estágio realizámos, com a autorização da professora cooperante, alterações à sala de modo a conseguir arranjar uma solução para os vários problemas que nos foram surgindo, como por exemplo, crianças com dificuldade de visão ou concentração e crianças que não poderiam estar juntas a outras, pois distraíam-se facilmente.

Em relação aos materiais didáticos existentes na sala, estes eram escassos, havendo apenas uma caixa com sólidos geométricos e dados para escrever histórias. Os restantes materiais encontravam-se noutra escola do agrupamento e eram requisitados, com algum tempo de antecedência, quando necessários.

### **Caracterização do grupo**

O grupo era formado por vinte e cinco alunos, sendo dezasseis crianças do sexo feminino e nove do sexo masculino.

Destes vinte e cinco alunos, um deles estava abrangido pelo decreto-lei 3/2008 devido a ser disléxico, e um outro estava em processo de avaliação para que também fosse abrangido pelo mesmo decreto-lei devido a ter um diagnóstico de dislexia, hiperatividade e suspeita de esquizofrenia. Existia ainda uma aluna com Mutismo Seletivo, dois alunos com dificuldades ao nível do português que eram acompanhados

por uma professora de Português Língua Não Materna (uma parte da manhã por semana) e três alunas com dificuldades de aprendizagem que eram acompanhadas por uma professora de apoio (uma manhã por semana).

Este grupo apresentava algumas dificuldades, como é possível observar no seguinte quadro:

<b>Cognitivo</b>	<b>Desempenho</b>	<b>Atitudes e Valores</b>
Criatividade; Aquisição de técnicas e métodos de trabalho; Compreensão de conceitos, factos e acontecimentos; Capacidade de transmitir os seus conhecimentos e ideias oralmente e por escrito.	Organização; Autonomia; Demonstração de empenho, motivação e interesse.	Estar atento; Demonstração de consciência cívica.

**Quadro 2** - Dificuldades Reais da Turma (segundo o Plano de Trabalho da Turma (PPT))

Ainda segundo o PTT, as potencialidades da turma prendiam-se com o interesse e motivação demonstrada nas aprendizagens, sendo que eram reveladas capacidades ao nível cognitivo e de desempenho. Durante o período de estágio pudemos constatar que a turma, no geral, tinha bastantes facilidades na disciplina de Estudo do Meio e de Expressões, sendo bastante interessados nas mesmas.

De acrescentar que este grupo, uma vez por semana, tinha expressão plástica com uma professora do agrupamento que se deslocava à escola a fim de realizar atividades com a turma. Pontualmente, a professora bibliotecária dirigia-se à escola para fazer a apresentação do autor do mês e de algumas histórias que, por vezes, eram contadas ou dramatizadas com diferentes recursos.

### **Projeto de intervenção e planeamento da atividade educativa**

Durante o período de estágio, eu e o meu par pedagógico, realizámos algumas atividades que serviram de complemento às atividades do manual.

Assim, antes de introduzirmos um novo conteúdo à turma, tentávamos perceber o que é que as crianças sabiam sobre o tema que iria ser introduzido e depois

recorriamos a diversos recursos e estratégias. Só quando verificávamos, através de vários exercícios resolvidos no quadro em grupo, que a turma tinha, finalmente, percebido aquilo que estava a ser abordado é que recorriamos ao manual, onde era lido o seu conteúdo e realizadas as diversas atividades dispostas. Por exemplo, quando era introduzido um novo conceito de matemática, em primeiro lugar, falávamos com as crianças sobre o conceito e perguntávamos-lhes o que elas achavam que este era e só depois tentávamos perceber o que elas sabiam sobre o mesmo. Seguidamente, apresentávamos um power point didático que se encontrava disponível na plataforma digital do manual, onde era explicado às crianças o novo conceito e, por fim, realizado um exercício interativo. Após a explicação e a resolução do exercício em conjunto recorriamos então ao manual para que os alunos realizassem os exercícios propostos autonomamente. Finalizados os exercícios, estes eram corrigidos no quadro, sendo pedido aos alunos, que tinham mais dificuldade na resolução dos exercícios, que viessem corrigir para que pudessem ser ajudados quer pela estagiária, quer pelos colegas. Muitas vezes, recorriamos a fichas de trabalho para verificar quais as aprendizagens que as crianças tinham retirado do tema abordado, sendo assim, uma forma de despistar quais as maiores dificuldades.

Assim, começamos por realizar atividades mais lúdicas, como atividades experimentais e a atividade do dia do pai, e conseguimos, assim, incentivar as crianças a trabalharem connosco, para que, mais tarde, fosse mais fácil introduzir os novos conteúdos programados.

Este estágio surpreendeu-me pela positiva, pois ía receosa com a turma que iria encontrar e com a maneira como lhes iria transmitir os novos conteúdos, pois não me sentia preparada. No entanto, correu muito bem, pois o professor cooperante apoiou-me muito, ajudando-me a ultrapassar as minhas dificuldades e preocupações, colocando-me muito à vontade para trabalhar com a turma.

Das várias atividades desenvolvidas, gostaria de destacar as atividades experimentais, pois consider terem sido muito enriquecedoras para a minha aprendizagem profissional e para um bom desempenho do estágio. Primeiramente, explicávamos às crianças qual era a experiência que ia ser realizada e o que é que eles



**Ilustração 4 - Atividade pedagógica (Previsão)**

achavam que iria acontecer, fazendo, assim, uma previsão que era, posteriormente, representada na folha de registo. Após todas as crianças terem preenchido a folha de registo com a previsão era então feita a experiência, algumas das atividades as crianças



**Ilustração 5 - Atividade pedagógica (Experimentação e folha de registos)**

tiveram a oportunidade de experimentar e outra apenas observaram o que aconteceu. De seguida, as crianças preenchiam, novamente, a folha de registo, mas desta vez com aquilo que realmente aconteceu.

As crianças interessaram-se bastantes pelas atividades por ser algo que não era comum elas realizarem e pelo facto de saírem um pouco da rotina diária. Estas atividades tinham como objetivo

ensinar-lhes os conteúdos programados para aquele ano, no entanto fizemo-lo de forma lúdica e diversificada. Isso proporcionou às crianças uma maior aprendizagem, pois todas elas puderam experimentar fazer as experiências para que elas próprias pudessem retirar as suas conclusões. Deste modo, verifiquei que este tipo de atividades é benéfica para a aprendizagem das crianças e as torna muito mais interessadas naquilo que estamos a tentar transmitir.

Em forma de conclusão, ao longo do nosso estágio dinamizámos atividades experimentais, dramatizações, manipulação de objetos e realização de trabalhos manuais.

### **Avaliação**

Relativamente à avaliação, esta foi baseada na observação direta do empenho dos alunos aquando da realização das atividades, da pertinência do diálogo nos momentos destinados ao mesmo e da realização das tarefas propostas, como por exemplo, fichas de trabalho. É de referir que sentimos algumas dificuldades no que toca à avaliação, sendo o leque de estratégias reduzido o que nos motivou a realizar algumas leituras individuais acerca da temática.

#### **4. Prática de Ensino Supervisionada em Creche**

##### **Caracterização do contexto**

A creche onde realizei o meu terceiro e último estágio era situada numa zona rural do concelho de Santarém. A instituição fazia parte de uma IPSS e, por isso, contava com três jardins de infância com creche, dois centros de dia, três unidades de apoio domiciliário e dois lares de idosos. Eu estagiei, então, numa das unidades de jardim de infância com creche, em contexto de creche.

O edifício era composto por dois pisos e por um espaço exterior.

A instituição encontrava-se bem construída, pois as salas eram bem iluminadas em termos de luz natural, eram salas amplas e adequadas a cada faixa etária, contudo o facto de a creche ter sido construída no primeiro andar era uma desvantagem, pois as crianças não tinham como se deslocar facilmente à restante instituição, principalmente as crianças da creche 1 devido à existência de apenas umas escadas como forma de acesso e, visto que eram crianças muito pequenas tinham muitas dificuldades em subir e descer as escadas sem a ajuda de um adulto.

Cada sala da instituição funcionava com uma educadora e uma assistente operacional, sendo que na creche onde me encontrava a estagiar existiam três educadoras e três assistentes operacionais e ainda uma ajudante de cozinha que era responsável pela copa.

O horário de funcionamento desta instituição era das 7h30 às 19h00, funcionando em período letivo das 8h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00, ou das 8h30 às 13h00 e das 14h00 às 16h30. O horário das componentes verificava-se no período da manhã entre as 8h00 e as 8h30 e no período da tarde das 16h30 às 19h00.

##### **Sala e recursos educativos**

A sala de 2 anos da creche 1 situava-se no 1.º piso na ala direita, ao fundo do corredor. A sala tinha duas portas, uma de acesso ao corredor e outra que dava acesso à casa de banho.

A iluminação natural existente na sala não era muita, pois as janelas que apresentava eram pequenas e tinham cortinas.

O espaço da sala era um pouco reduzido o que dificultava a movimentação das crianças quando estas estavam a brincar. Podíamos encontrar vários espaços que

proporcionavam vivências diferenciadas e que estimulavam a imaginação, a criatividade, o raciocínio lógico-matemático e a linguagem, que eram: área das construções/animais; área faz de conta (casinha); área da garagem; área da biblioteca e área dos jogos.

Ao longo do estágio observei que as áreas preferidas das crianças eram a área do faz de conta, a área das construções/animais e a área da garagem.

Anexo à sala de atividades havia a casa de banho com quatro lavatórios e três sanitas adequadas ao tamanho das crianças, um poliban que era utilizado para lavar as crianças quando era necessário e uma bancada que era utilizada para mudar as fraldas às crianças que ainda as usavam.

As crianças tinham ainda ao seu dispor cabides onde estavam penduradas as suas toalhas para estas limparem as mãos e a boca. Estes cabides estavam identificados com as fotografias das crianças, para estas conseguirem identificar facilmente a sua toalha. Para além destes cabides, cada criança tinha ainda um cacifo onde estavam guardados alguns acessórios de higiene (escova do cabelo, perfume, toalhas, etc.) e algumas mudas de roupa.

Cada criança tinha um copo identificado e podia solicitar ao adulto para lhe dar água sem sair da sala.

Nesta casa de banho existiam ainda dois armários, um para guardar as camas e o outro para guardar os lençóis e os cobertores de cada criança.

À entrada da sala existia um cabide respetivo para cada criança onde os pais colocavam os pertences dos seus filhos, como casacos ou o bibe e as malas, e tinha ainda um saco com algumas mudas de roupa.

A educadora responsável por esta sala, segundo o projeto curricular de turma/grupo, utilizava a “Pedagogia de Situação” para trabalhar com o grupo de crianças, ou seja, esta valorizava cada criança como ser único procurando o equilíbrio entre a intervenção do educador e a espontaneidade da criança.

A “Pedagogia de Situação”<sup>1</sup> é inspirada nas pedagogias não diretivas, em que o educador segue práticas indiferenciadas e que não eram identificadas como um método específico. Neste modelo, os educadores valorizam os saberes das crianças para a aquisição de novas aprendizagens e estimular todas para participarem nas atividades.

---

<sup>1</sup> Retirado de: <http://apei.pt/educacao-infancia/modelos-pedagogicos/> (Consultado a 09-09-2014)

Segundo Varela (2010, p.285, citando Ataíde, 1986, p.26), na Pedagogia de Situação há que ter em conta a análise das necessidades reais do grupo e de cada criança considerando ainda as perspectivas das suas famílias e da comunidade da qual fazem parte, acima de tudo, sem cair em exageros e perda do bom-senso. Nesta pedagogia é importante a organização do espaço educativo, bem como a escolha dos materiais, mas sendo a sua prioridade a relação educativa.

Assim, analisando aquilo que pesquisei e observei, a Pedagogia de Situação é um bom modelo pedagógico, principalmente em crianças mais pequenas, como estas, uma vez que se baseia na valorização de cada criança, tendo em conta a sua situação familiar e da comunidade que a rodeia. Para ser implementado em sala de aula tem de ser, anteriormente, bem planeado, analisando cada caso com o objetivo de arranjar um projeto curricular que funcione como um todo, sem dar especial atenção a uma só criança.

### **Caracterização do grupo**

O grupo de crianças onde estive a estagiar era constituído por dezasseis crianças, sendo que oito eram do sexo masculino e as restantes oito eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 22 e os 34 meses. Todas as crianças eram de nacionalidade portuguesa, sendo que 2 tinham pais de outra nacionalidade.

Deste grupo de crianças, sete estavam nesta unidade desde o berçário, sete entraram na sala de 1 ano e 2 iniciaram apenas na sala de 2 anos, ou seja, este ano.

Decorrente deste estágio já eram notáveis níveis de autonomia e independência ao nível da higiene pessoal, em que as crianças já iam sozinhas à casa de banho, despindo e vestindo-se sozinhas, e da alimentação, pois as crianças já comiam sozinhas, pedindo ajuda apenas quando estavam no final da sopa, isto devia-se ao trabalho realizado pela educadora desde a sala de 1 ano. Todas as crianças tinham a marcha adquirida, havendo 2 que ainda tinham algumas dificuldades uma vez que eram mais novas. Todas as crianças comiam sozinhas solicitando a nossa ajuda apenas no final da refeição e quando estavam a precisar de algum mimo. Na maioria, as crianças já tinham o controlo dos esfíncteres adquiridos e iam à sanita sem ajuda do adulto, no entanto, algumas crianças ainda tinham alguns descuidos durante a sesta e, por vezes, durante o dia. Apenas 1 criança ainda usava fralda durante o dia e utilizava o bacio para promover

o controlo dos esfíncteres, mas da parte da tarde a educadora retirava a fralda e a criança já sabia pedir para ir à casa de banho, e 2 crianças usavam fralda durante a sesta.

A maioria do grupo de crianças dormia a sesta sem chucha, havendo apenas 5 crianças que recorriam à chucha para dormirem e em situações de desconforto.

Este grupo era muito ativo, todas as crianças gostavam de brincar livremente nas diversas áreas disponíveis na sala e a maioria das crianças brincavam muito ao faz de conta com outras crianças, desta forma socializavam e construía relações de amizade, uma vez que já existiam alguns pequenos grupos de crianças que gostavam de brincar juntas.

Este grupo era muito interessado por histórias e canções, ficando muito atentos e concentrados em nós. Algumas crianças já cantavam connosco e já escolhiam as músicas que mais gostavam, uma vez que quando perguntávamos qual a música que vamos cantar já sabiam escolher uma. Este grupo gostava muito de surpresas, principalmente quando apresentávamos alguma coisa recorrendo “à saquinha das surpresas” uma vez que ficavam calmos, muito concentrados no que estávamos a dizer e curiosos com o que esta podia ter lá dentro.

### **Projeto de intervenção e planeamento da atividades educativa**

O projeto criado ao longo deste estágio ía ao encontro de um dos interesses das crianças, ou seja, a brincadeira livre; deste modo o título é “A brincar conheço o que me rodeia”.

Este tema prendeu-se com as observações que fomos fazendo e em que concluimos que o grupo de crianças tinha como pontos fortes o interesse por canções e histórias mantendo-se muito atentos. Algumas crianças já nos acompanhavam a cantar e já tinham algumas músicas preferidas. Quando explorávamos histórias estas já interagiam connosco e, por vezes, já faziam relações com episódios que lhes tinham acontecido. Um outro ponto forte que destacámos era o facto de todas as crianças gostarem de brincar umas com as outras ao faz de conta construindo já relações de amizade e socializando umas com as outras.

Segundo Cordeiro (2012, p.329)

(...) entre o 1 e os 5 anos (...) brincar é assim a sua principal função e será através da brincadeira espontânea ou do jogo mais estruturado, só ou com outros meninos, que aprenderá a utilizar uma linguagem e comunicação cada vez mais simbólicas, organizadas amplas.

Como objetivos do projeto definimos: colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva; promover o bem-estar de todas as crianças; desenvolver a imaginação e a criatividade; promover as competências sociais e as competências físicas, confiança e autonomia; promover a socialização e o respeito mútuo entre as crianças.

Das várias atividades desenvolvidas ao longo deste estágio, gostaria de destacar a atividade dos sentidos. A atividade foi realizada em grande grupo e no tapete. O primeiro sentido foi



**Ilustração 8 - Atividade pedagógica (sentido olfato)**

a audição, onde foram colocados vários sons de animais para as crianças identificarem. Após todos os sons identificados trabalhámos o olfato em que foi dado às crianças a cheirar alecrim. Para trabalhar o sentido do paladar foi levado um doce que, posteriormente, foi colocado num pedaço de pão para as crianças provarem. Caso as crianças gostassem poderiam repetir ou até colocar no resto do pão que tinham na mão. O ultimo sentido a ser trabalhado foi a visão, e consistia em as

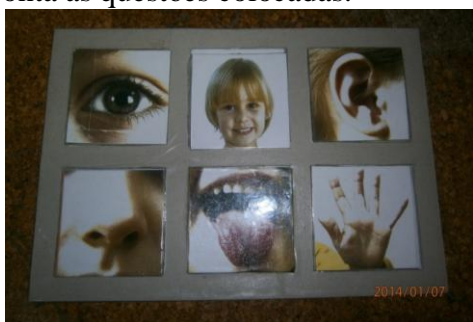


**Ilustração 7 - Atividade pedagógica (sentido paladar)**

crianças retirarem de dentro do saco das surpresas um puzzle, contruído previamente, que continha os vários sentidos trabalhados naquele dia. No dia seguinte foi trabalhado o sentido do tato em que as crianças apalpam dois tipos de materiais e foram dizendo as suas características, tendo em conta as questões colocadas.



**Ilustração 6 - Atividade pedagógica (sentido do tato)**



**Ilustração 9 - Atividade pedagógica (sentido visão - puzzle)**

A atividade para trabalhar os sentidos foi muito gratificante para mim, pois introduzi este tema através da experimentação o que facilitou muito o decorrer da atividade. No entanto, no decorrer da atividade houve alguma falta de

interação da minha parte para com as crianças, pois não sabia corretamente o que perguntar ou dizer às crianças sobre o que estava acontecendo, ficando sempre a dúvida sobre se estariam a perceber o que lhes estava a ser transmitido ou não. Deste modo, aprendi a importância de preparar muito bem o discurso e as várias atividades a realizar com as crianças



mais pequenas, ou seja, a preparação que é **Ilustração 10 - Atividade pedagógica (sentido visão - puzzle)**

feita em casa é muito importante para uma boa aprendizagem. No final, desta atividade foi dado para a sala um jogo de associação de imagens dos vários sentidos que as crianças poderiam jogar sempre que necessário e, desta forma, continuar a explorar os seus sentidos.

### **Avaliação do Projeto**

A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador (OCEPE, 1997, p.27).

Segundo Cardona e Guimarães (2012, p.21)

a avaliação é uma questão que não é nova aos outros níveis de ensino, mas que relativamente à educação das crianças mais pequenas tem vindo a assumir particular relevância na maioria dos países, a par da definição de orientações curriculares e da preocupação de existir uma maior articulação entre a educação escolar e a etapa da educação de infância.

Durante o período de estágio, para avaliarmos as atividades que foram sendo realizadas utilizámos os seguintes instrumentos:

- Observação direta;
- Registo fotográfico;
- Análise das produções das crianças (processo e não o produto final);
- Diálogo entre criança-adulto e criança-criança;
- Grelhas de observação.

A avaliação do projeto foi realizada, principalmente, através da observação direta, da motivação e desenvolvimento das crianças ao longo dos vários momentos de brincadeiras livres do dia, ajudando-os, deste modo, a aprender o que os rodeia.

## 5. Percurso de aprendizagem profissional

Como referi anteriormente, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º CEB do Ensino Básico realizei três estágios curriculares, o primeiro em jardim de infância, o segundo em 1º CEB e o terceiro em Creche que me permitiu perceber a importância da articulação entre os diferentes ciclos. A articulação entre ciclos facilita a transição entre os mesmos, permitindo uma continuidade educativa e uma maior facilidade na adaptação ao novo ciclo.

Considero que todo o meu percurso investigativo foi uma fragilidade, pois desde início o que me deparei com diversos problemas, nomeadamente a nível da implementação da aprendizagem cooperativa em sala de aula nos diferentes ciclos, o que dificultou o desenvolvimento da investigação. Deste modo, foi necessário refletir sobre como ultrapassar/resolver o problema do estudo a desenvolver na investigação. É fundamental a um profissional de educação ao longo de toda a sua prática, o refletir e investigar sobre a mesma, para que exista um desenvolvimento profissional, bem como um melhoramento da sua prática, no entanto, foi-me bastante difícil levantar uma questão de investigação que fosse potenciadora de uma investigação.

No estágio em jardim de infância, que foi o meu primeiro estágio, surgiram diversas situações que me fizeram levantar algumas questões. Para algumas destas questões realizei leituras, realizando um aprofundamento teórico, para outras fui falando diretamente com a educadora a fim de conseguir esclarecer-me.

A minha principal questão prendeu-se com a realização das atividades programadas para cada dia da semana serem realizadas apenas com grupos de 3/4 crianças de cada vez e nunca com o grupo todo, sendo que apesar de as crianças se encontrarem em grupos, cada uma realizava a sua tarefa individualmente. Com isto, não era possível assistir um trabalho de cooperação entre as crianças. Assim, questiono-me se isto será benéfico para as crianças, ou se as atividades com todo o grupo, em que se podem ajudar uns aos outros não seria mais benéfico. Como ao longo de todos os estágios realizados não me foi possível responder a esta questão, decidi que seria um bom tema de investigação para que futuramente possa melhorar esta questão.

Decidi, então, realizar a minha investigação na base da aprendizagem cooperativa e, assim, perceber quais os benefícios que esta traz para as crianças, bem como, as perspetivas que os educadores e os professores têm sobre este tema.

Ao longo deste estágio percebi que cada criança tinha o seu tempo para desenvolver as atividades e que este não era igual para todas.

No estágio em 1º CEB a minha principal dificuldade foi a avaliação, pois não sabia quais os métodos mais adequados para avaliar as aprendizagens dos alunos e se aqueles que eu escolhia seriam os adequados e suficientes para que conseguisse perceber se os objetivos propostos tinham sido adquiridos. Senti ao longo deste estágio que a minha maior falha foi nos instrumentos de recolha de dados, isto porque apesar de ter proposto nas diversas planificações vários instrumentos de avaliação, como por exemplo, a observação direta, nunca usei um instrumento de recolha de dados onde registasse aquilo que observava. Neste sentido, realizei algumas leituras sobre este tema e pesquisei alguns exemplos de instrumentos de recolha de dados para que futuramente pudesse combater esta dificuldade, conseguindo assim, ultrapassar algumas dificuldades, aplicando aos poucos alguns instrumentos nos estágios seguintes.

No último estágio, em contexto de creche, também me surgiram algumas questões para as quais tive de realizar algumas leituras para conseguir ultrapassar as minhas dúvidas.

A primeira questão que me surgiu foi como lidar com as birras que as crianças fazem para comer, nomeadamente, sobre não conseguirem comer sozinhos ou terem dificuldades em usar corretamente os talheres.

Outra questão que me surgiu foi sobre qual seria a altura ideal para promover o controlo dos esfínteres das crianças, pois tinha na minha sala uma criança que estava neste processo e, por isso, gostaria de saber quais as melhores estratégias a utilizar nesta altura, de modo a ajudar a criança da melhor maneira.

## **Parte II – Componente Investigativa**

### **1. Questões de investigação**

Como já referi anteriormente, o presente exercício investigativo teve como ponto de partida uma situação com que me deparei num dos estágios de intervenção que realizei.

Durante o estágio em contexto de jardim de infância tive a possibilidade de observar que as crianças não trabalhavam em grupo, ou seja, sempre que era planeada uma atividade, esta era realizada individualmente por cada criança e em pequenos grupos, 3 ou 4 crianças, sob a supervisão de um adulto, que ia trabalhando individualmente com cada uma, não existindo uma interação/partilha entre estas. Assim, as únicas atividades onde se poderia verificar alguma interação/partilha eram os momentos no grande tapete, por exemplo, na conversa da manhã.

Deste modo, pretendo conhecer quais as perspetivas de educadores e professores sobre a aprendizagem cooperativa nas salas de educação pré-escolar e nas de primeiro ciclo. O objetivo principal deste estudo é analisar as opiniões sobre as suas práticas de trabalho cooperativo, bem como a sua importância para a aprendizagem dos alunos. O objeto de estudo são educadores e professores titulares de turma, que transmitam a sua prática profissional diária em sala de aula. Surgem, assim, as seguintes questões de investigação:

Quais as perspetivas dos educadores e profesoress sobre a aprendizagem cooperativa?

De que modo a aprendizagem cooperativa poderá ser benéfica para a aprendizagem dos alunos?

Quais as vantagens e desvantagens da aprendizagem cooperativa?

## 2. Enquadramento teórico

A escola tem um papel fundamental na aprendizagem da criança e no seu desenvolvimento cognitivo e social, ou seja, deve ser a escola a *assumir a responsabilidade de ensinar as competências sociais e proporcionar ocasiões de interação entre pares* (Lopes & Silva, 2008, p.3), mas para que estas competências sejam adquiridas pelas crianças é necessário que o educador ou professor disponha de estratégias e atividades que suportem estas aquisições.

Segundo Bessa e Fontaine (2002), devemos ter a capacidade de aprender a relacionarmo-nos e cooperarmos com os outros, pois esta aparece cada vez mais *como uma das dimensões axiais numa sociedade multirracial e multicultural, que oferece o mesmo estatuto a ambos os géneros* (p.47).

O professor tem um papel fundamental neste tipo de aprendizagem, pois além de ter de gerir os vários grupos de trabalho, poderá ainda ter de ser ele a escolher os alunos que irão formar os vários grupos e, para isso, terá, segundo Monteiro (2012 p. 34, citando Pato, 2001, p.9) de recorrer a pedagogias diferenciadas que perspetivem a progressão individual de cada aluno, onde exista um contexto educativo e sociocultural heterogéneo.

A aprendizagem cooperativa é um bom exemplo para as aquisições dessas capacidades, pois as crianças têm de trabalhar em grupo e têm de aprender a cooperar com os outros. Contudo, este não é um tema recente, pois este conceito advém de trabalhos desenvolvidos por Vygotsky. Observações feitas por este autor revelaram que as crianças que trabalham em cooperação com outras crianças mais capazes, aprendem mais e melhor, quando efetuado na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) da criança. Assim, segundo Fontes e Freixo (2004, p.18) a Zona de Desenvolvimento Proximal é a

distância entre o nível de desenvolvimento real de uma criança (ZDR) – realização independente de problemas – e o nível mais elevado de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou trabalhando com pares mais capazes (ZDP).

Neste sentido, a aprendizagem cooperativa não é só trabalho em grupo e a cooperação entre as crianças, mas sim *uma interdependência positiva, a responsabilidade individual, as competências sociais e o feedback sobre a atividade que contribuem para criar um tipo específico de interações* (Lopes & Silva, 2008, p. 6).

Sendo estas as grandes diferenças da aprendizagem cooperativa para o trabalho de grupo tradicional.

Para Lopes e Silva (2009, p. 4) a aprendizagem cooperativa é uma metodologia na qual os alunos, ao longo do processo de aprendizagem se ajudam entre si e com o professor, de modo a adquirir conhecimento sobre um determinado objeto.

Pujolás (2001, citado por Fontes & Freixo, 2004, p.26) entende a aprendizagem cooperativa como *um recurso ou estratégia que tem em conta a diversidade dos alunos dentro de uma mesma turma onde se privilegia uma aprendizagem personalizada que só será possível se conseguirmos que os alunos cooperem para aprender.*

Leitão (2006, p. 8) refere-nos que a aprendizagem cooperativa é uma estratégia de ensino centralizada no aluno e no trabalho colaborativo que é feito em pequenos grupos decorrendo de uma diversidade de atividades, formas e contextos sociais de aprendizagem, de modo a ajudar os alunos a ativar, solidaria, crítica e reflexivamente, construir e aprofundar o seu conhecimento sobre o mundo que os rodeia.

### **Elementos essenciais da aprendizagem cooperativa**

Tal como referido anteriormente existem cinco elementos essenciais à aprendizagem cooperativa que a distinguem do trabalho de grupo tradicional que são *a interdependência positiva, a responsabilidade individual e de grupo, a interação face a face, as competências sociais e o processo de grupo ou avaliação do grupo* (Lopes & Silva, 2009, p. 15).

A interdependência positiva ocorre quando todos os elementos de um grupo têm tarefas destinadas, sendo responsáveis por elas e que percebem que se falharem todo o grupo falha e não apenas eles, ou seja, eles só atingem o objetivo da tarefa proposta se os restantes elementos atingirem o deles (Fontes & Freixo, 2004; Lopes & Silva, 2009).

Esta interdependência engloba ainda a interdependência positiva de finalidades, de recompensas, de tarefas, de recursos e de papéis.

A interdependência de finalidades ocorre quando o grupo trabalha para um fim comum.

A interdependência de recompensas diz respeito ao reconhecimento do trabalho realizado em determinada tarefa, ajudando, assim, a aumentar a autoestima e autoconfiança das crianças.

A interdependência de tarefas é quando se realiza uma determinada tarefa em que todas as crianças participam.

A interdependência de recursos relaciona-se com a partilha dos próprios recursos de cada elemento do grupo para desenvolver o trabalho e conseguir atingir os objetivos.

A interdependência de papéis é verificada quando cada elemento do grupo tem um papel específico atribuído e este é cumprido com responsabilidade e eficiência para o bom funcionamento.

A responsabilidade individual e de grupo é um elemento essencial à aprendizagem cooperativa, pois tem a intenção de desenvolver as competências e atingir os objetivos propostos de modo a mostrar a cada elemento do grupo que é responsável pelas aprendizagens que foram definidas para esse grupo. Para que haja sucesso é necessário a utilização de alguns procedimentos, segundo Freitas e Freitas (2003, pp.29-30) por parte do professor como:

formar grupos pequenos; haver testes individuais; colocar questões orais ou solicitar a demonstração de certas competências a elementos do grupo, ao acaso; observar sistematicamente o trabalho dos grupos; existir no grupo o papel de verificador da aprendizagem, o qual deve fazer perguntas para que cada membro demonstre se de facto compreendeu, aprendeu, é capaz de explicar as respostas, conclusões do grupo; os estudantes ensinarem uns aos outros o que aprenderam, fazendo o que se designa por explicação simultânea.

Lopes e Silva (2009) defendem que os alunos devem aprender juntos para que possam ser melhores como indivíduos, sendo que, o grupo deve ser responsável por alcançar os seus objetivos e que cada membro seja responsável por cumprir a sua parte para o trabalho comum e que *ninguém pode aproveitar-se do trabalho dos outros* (p.17).

A interação face a face é muito importante na aprendizagem cooperativa e está relacionada com a ajuda que é prestada eficientemente por cada elemento do grupo aos restantes relativamente ao processamento de informação, ao feedback, à reflexão e à criação de um clima favorável para o cumprimento das tarefas. Segundo Lopes e Silva (2009, p.18), esta interação *têm necessidade de maximizar a oportunidade dos alunos promoverem o sucesso uns dos outros, ajudando-se, apoiando-se, encorajando-se e elogiando os esforços que todos realizam para aprender.*

É necessário ainda durante a prática de uma atividade de aprendizagem cooperativa ensinar aos alunos algumas competências sociais. Quer isto dizer que a escola deve ser a principal responsável por ensinar essas competências aos alunos e

motivá-los a usarem as mesmas. A falta destas competências irá contribuir para o insucesso académico, pois quantas mais forem as competências sociais atingidas para cada elemento, maior irá ser o rendimento e aproveitamento do grupo cooperativo.

Lopes e Silva (2009, p.34) destacam como competências sociais a ser ensinadas aos alunos as seguintes:

Elogiar	Aceitar as diferenças
Pedir ajuda	Saber ouvir
Falar baixo para não perturbar	Resolver conflitos
Participar com os outros	Seguir instruções
Permanecer na tarefa	Gerir os materiais
Utilizar os nomes das pessoas	Estar solidário com a equipa
Encorajar os outros	Partilhar materiais, ideias e tarefas
Esperar pela sua vez	Registar ideias
Comunicar de forma clara	Celebrar o sucesso

Tabela 1 - Exemplos de competências sociais

O último e não menos importante elemento é o processo de grupo ou avaliação do grupo. Esta deve ser feita sistemática e periodicamente de forma a permitir ao grupo refletir sobre o modo como este está a funcionar. Assim, todos os elementos terão noção do seu desempenho ao longo do trabalho e a oportunidade de se afirmarem em alguns comportamentos e de mudar outros. Fontes e Freixo (2004) referem-nos que com esta avaliação deverão conseguir distinguir quais as ações dentro do grupo que são de ajuda e aquelas que não são de modo a decidir quais os comportamentos a adotar para melhorar o funcionamento do grupo, acabando com aqueles que são prejudiciais.

### **Vantagens e desvantagens**

Como todos os tipos de aprendizagens, também a aprendizagem cooperativa apresenta vantagens e desvantagens. Assim, Monteiro cita Johnson e Johnson (1999, citados por Fontes & Freixo, 2004, p.30) destacando como

vantagens da aprendizagem cooperativa, quando comparada com as metodologias competitiva ou individualista, o facto de i) os elementos do grupo desenvolverem maiores esforços para conseguirem um bom desempenho, porque aumenta o rendimento e a produtividade, ii) de ocorrer a mais longo prazo a retenção de conhecimentos, iii) de se verificar uma maior motivação para se alcançar um maior rendimento, iv) aumentar o tempo dedicado à realização das tarefas v) e de ocorrer um aumento da racionalidade e do pensamento crítico.

Caso este método de aprendizagem não seja aplicado corretamente irão existir alguns alunos que *'vivam à pala dos outros'*, isto é, enquanto alguns fazem a maior parte do trabalho (ou todo), outros *'apanham a boleia'* (Slavin, 1999, citado por Lopes & Silva, 2009, p.49).

Sanches (1994, citado por Ribeiro, 2006, p. 76) *considera que a aprendizagem cooperativa pode contribuir para aumentar a motivação dos alunos para aprender, ajudar a melhorar o rendimento escolar dos colegas, facilitar uma maior retenção dos conteúdos e obter uma compreensão mais profunda das matérias a aprender.*

Segundo Ribeiro (2006, p. 77, citando Fraile, 1998) quando os alunos apresentam ritmos de trabalho diferentes, atitudes individuais e diferentes aprendizagens quotidianas, o professor não se encontra motivado, nem preparado para a aplicação da aprendizagem cooperativa e existe muita falta de apoio por parte de toda a comunidade educativa, torna-se difícil conseguir o êxito desejado, quer isto dizer que é *necessário doses de persistência e paciência no início.*

Mir et al. (1998, citados por Ribeiro, 2006, p.77) consideram que as principais dificuldades na implementação desta aprendizagem estão relacionadas com o modo como se encontram organizadas as escolas, isto porque *os professores agarrados aos programas, ao manual, ao modo como se estruturam os departamentos curriculares, dificilmente têm vontade de utilizar metodologias inovadoras.*

Uma outra desvantagem é a rapidez com que os professores pretendem atingir os resultados positivos, desenvolvendo muitas vezes situações de angústia e desilusão.

### **Papel do educador/professor**

O professor/educador apresenta um papel fundamental na implementação da aprendizagem cooperativa em sala de aula, pois é necessário a existência de uma planificação e de uma intervenção adequadas por parte deste.

Segundo Johnson e Johnson (1999 a, citados por Fontes & Freixo, 2004, pp.57 – 58),

é ao docente que compete definir os objetivos do trabalho, tomar as decisões e efetuar todos os preparativos necessários, motivando previamente os alunos para uma eficaz execução das tarefas, explicando-lhes os objetivos das mesmas, os procedimentos cooperativos a adotar para que o grupo atinja o sucesso, assim como pôr em funcionamento os princípios básicos que permitem aos grupos de trabalho serem verdadeiramente cooperativos, nomeadamente, a

interdependência positiva, a responsabilidade individual, a interação pessoal, a integração social e a avaliação do grupo.

Durante um trabalho de aprendizagem cooperativa o professor/educador deve desempenhar algumas funções durante o trabalho de grupo e em relação à turma como poderemos ver nas seguintes tabelas.

<b>Funções do professor durante o trabalho de grupo</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Garantir que cada aluno conheça os objetivos do grupo;</li><li>- Controlar a rotatividade de papéis;</li><li>- Estimular o intercâmbio de explicações e justificações necessárias à realização das tarefas;</li><li>- Assegurar a disponibilidade dos recursos básicos para a realização da tarefa;</li><li>- Garantir o sucesso dos elementos mais fracos;</li><li>- Fornecer aos grupos os critérios e instrumentos de avaliação essenciais para a avaliação;</li><li>- Controlar o tempo de realização das tarefas;</li><li>- Dar ênfase ao papel que cada um desempenha dentro do grupo;</li><li>- Estimular a capacidade de argumentação sempre que existam opiniões divergentes.</li></ul>

**Tabela 2 - Funções que o professor deve assumir no desenvolvimento do trabalho cooperativo (Rodrigues, 2012, p.24 citando Fontes e Freixo, 2004, p. 59).**

<b>Funções do professor em relação à turma</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Explicar as normas de trabalho cooperativo;</li><li>- Explicar as tarefas e o material necessário para a sua realização;</li><li>- Expor as características gerais do trabalho que vai ser desenvolvido;</li><li>- Organizar os grupos, o espaço e os materiais necessários à realização da tarefa;</li><li>- Prever tarefas complementares.</li></ul>

**Tabela 3 - Funções do professor em relação à turma (Rodrigues, 2012, p.25, citando Fontes e Freixo, 2004, p. 59).**

### **Formação de grupos**

A formação de grupos é essencial para quem pretende implementar nas suas aulas a aprendizagem cooperativa. Para que seja formado um bom grupo o professor deverá ter em conta o espírito de grupo de modo a que os alunos se sintam unidos, as características de cada elemento (sexo, etnia, competências cognitivas, entre outras), a dimensão que poderá variar tendo em conta a complexidade da tarefa e a sua duração, entre dois ou mais elementos. Neste sentido, também Leitão (2006, p.61) considera que a heterogeneidade dos grupos é um aspeto importante da aprendizagem cooperativa, principalmente em relação às características de cada elemento (académicas, sociais,

gênero, etnia e cultura), contrariamente ao trabalho tradicional que era centrado na homogeneidade dos grupos e das classes. Pujolás (2001, citado por Rodrigues, 2012, p.28)

refere que face à realidade social que temos na sala de aula, devemos optar por trabalhar com grupos heterogêneos que podem ser utilizados em determinado momento e de forma ocasional para trabalhar competências específicas em determinada matéria ou para outros fins específicos.

Segundo Freitas e Freitas (2003, p.39) existem três formas de constituir grupos: *formar grupos ao acaso; deixar que sejam os alunos a fazer a escolha; ser o professor a decidir.*

Leitão (2006) considera que professores e alunos deverão construir grupos cooperativos, onde haja uma partilha de apoio e suporte mútuo independentemente das diferenças e necessidades específicas dos seus membros e que esta deverá ser a meta principal na construção dos grupos.

### **Tempo de duração dos grupos**

Não existe um limite de tempo de duração de um grupo de aprendizagem cooperativa. No entanto, estes não devem ser permanentes, pois ao longo do tempo irão existir conflitos naturais que não beneficiarão a aprendizagem dos alunos.

Fontes e Freixo (2004, p.38) dizem-nos que *os grupos de trabalho cooperativo podem manter-se durante o tempo necessário para a realização de uma tarefa, de uma unidade de ensino, de um capítulo, ou até durante um ano letivo.* Assim, os grupos devem manter-se o tempo que acharem necessário para atingirem um resultado positivo, bem como para desenvolverem as competências cooperativas.

Freitas e Freitas (2003, p.42) afirmam que numa fase inicial, em que os grupos se estão a adaptar à aprendizagem cooperativa, é favorável que os grupos prolonguem a sua experiência, tendo em conta as condições determinadas pelo professor. Ao longo desta fase, mesmo que surjam problemas, o professor não deve desfazer o grupo. Como referem Fontes e Freixo (2004, p.38) *desfazer um grupo que apresenta problemas no seu funcionamento pode ser contraproducente uma vez que não se dá a possibilidade de os alunos aprenderem as competências necessárias para a resolução desses problemas, em colaboração com os outros elementos do grupo.*

Corroborando a ideia de Freitas e Freitas (2003, p.42) *o importante na vida de um grupo é que este esteja de acordo com as principais finalidades do seu trabalho e, por isso, a sua duração no tempo variará consoante essas finalidades.*

### **Dimensão do grupo**

Tal como o tempo de duração de um grupo, também a dimensão não tem um número ideal. A dimensão do grupo varia em função das atividades a serem realizadas e do nível de competências de cooperação que já foram previamente atingidas.

Para Freitas e Freitas (2003, p.40) *a regra de ouro para que um grupo funcione é que ele respeite o princípio da interação face a face, ou seja, que todos os elementos do grupo tenham a possibilidade de se olharem mutuamente.* Ao longo dos tempos a experiência foi demonstrando que mais do que quatro elementos a vida do grupo torna-se complicada.

Freitas e Freitas (2003, p.40) dizem-nos ainda que a dimensão dos grupos varia consoante o tempo, as experiências que os alunos têm de trabalho em grupo, a idade e os materiais e equipamentos que são utilizados.

### **Papéis dentro do grupo cooperativo**

Para que os grupos de aprendizagem cooperativa tenham sucesso é necessário que todos os elementos do grupo saibam que têm de contribuir e ao mesmo tempo valorizarem-se mutuamente. Deste modo, além das tarefas que resultam da própria atividade, cada aluno tem uma função específica a desempenhar dentro do grupo.

Segundo Rodrigues (2012, p.28 citando Lopes & Silva (2009, p.23)

para que se estabeleça um clima de cooperação entre os alunos, o professor deve delegar uma margem de autonomia aos alunos na execução de uma tarefa e os alunos devem ser capazes de exercer essa autonomia, sendo importante a atribuição de papéis aos alunos.

Lopes e Silva (2009, pp.24-26) propõem, para que haja uma melhor gestão do trabalho cooperativo, os seguintes papéis: papel de *verificador* em que um aluno se certifica de que todos os elementos de grupo compreenderam bem a matéria; papel de *facilitador* em que um aluno orienta a realização da tarefa; papel de *harmonizador* em que um aluno se ocupa em manter a atenção dos colegas de grupo na tarefa, através de questões; papel de *intermediário* em que um aluno faz a ligação entre todo o grupo e o professor, de modo a reduzir as deslocações durante a realização do trabalho; papel de

*guardião ou controlador do tempo* em que um aluno se certifica que o trabalho é concluído no tempo previsto; papel de *observador* em que um aluno observa, anota e contabiliza os comportamentos que surgiram em relação a uma competência cooperativa. Fontes e Freixo (2004, p.47) atribuem outros papéis como os que dizem respeito à *gestão dos recursos, ao assumir de posições sobre o produto final do grupo e ainda papéis do domínio cognitivo que se refletem na análise crítica do trabalho final do grupo*. A atribuição de papéis dentro de um grupo de aprendizagem cooperativa apresenta algumas vantagens, pois

reduz a probabilidade de alguns elementos assumirem uma posição passiva ou dominadora no seio do grupo; garante a aprendizagem e a utilização das atividades básicas do grupo deste modo de aprendizagem; gera uma interdependência entre todos os elementos do grupo e esta só é possível quando se atribuem aos diferentes membros papéis complementares e interligados (Fontes & Freixo 2004, p. 45).

### **Recursos materiais**

Segundo Freitas e Freitas (2003) o professor deve ser responsável pela elaboração dos materiais a serem utilizados. O professor poderá criar, comprar ou pedir a cada grupo que elabore o material específico para os trabalhos cooperativos. Poderá, ainda, diversificar os recursos materiais de acordo com as características de cada grupo.

A maneira como a sala de aula é organizada é muito importante para que exista facilidade de interação nos grupos de trabalho cooperativo. Freitas e Freitas (2003, p.42) referem que *a organização da sala de aula, quando se pretende usar a aprendizagem cooperativa, tem uma importância não negligenciável*. Quando os grupos são de pequena dimensão e todos vão trabalhar ao mesmo tempo é necessário reunir um espaço onde possa haver troca de impressões sem perturbar os restantes grupos. Numa sala de aula que esteja configurada de forma normal é mais fácil de adequar quando se faz trabalhos de grupo, principalmente no trabalho de pares. Se os grupos forem de três a quatro elementos apenas é necessário que *de duas em duas filas, os alunos de uma fila façam uma rotação de 180 graus ficando face a face* (p. 42). Na sala de aula devem constar elementos que sejam favoráveis à metodologia cooperativa como, quadros construídos pelos alunos com as regras definidas para o trabalho de grupo e, ainda, *um relógio no qual será fácil identificar tempos curtos, que têm de ser respeitados* (p. 43).

### **Gestão das atividades em grupo**

Segundo Gesell (2000), as atividades de grupo com crianças de dois anos de idade não devem ser muito planejadas, pois o que predomina nestas idades são as brincadeiras individuais ou paralelas. No entanto, estas são possíveis mas deverão ser espaçadas e curtas. Nesta idade o educador não deve *esperar que todas as crianças cooperem, nem tal lhes deve pedir* (p.290). As crianças desta idade têm uma melhor capacidade de concentração entre as 10h e as 11h e, por isso, o ideal seria que a manhã na escola não se prolongasse por mais de duas horas.

As atividades de grupo com crianças de dois anos e meio são variáveis, pois as crianças nesta idade são muito imprevisíveis. Nesta idade é notória uma tensão crescente que poderá ser atenuada se a educadora colocar o grupo a brincar em paralelo, em que todos utilizem material idêntico. Apesar de ainda se observar brincadeiras em paralelo, já se verificam algumas brincadeiras em grupo, em que duas ou três crianças cooperam entre si.

Com três anos a criança já tem uma maior consciência das outras pessoas e já se consegue exprimir através do uso do pronome “nós”, assim, a criança irá conseguir resolver os seus problemas, não necessitando da orientação frequente do adulto. Nesta idade as crianças reagem melhor às outras crianças do que aos adultos.

Cooperar, partilhar e saber aguardar a sua vez são alguns acontecimentos que nestas idades começam a ocorrer naturalmente e sem que a educadora necessite de interferir tantas vezes. Segundo Simões (2013, pp.36-37 citando Gesell, 1998)

aos 3 anos de idade as crianças são muito mais sociáveis, já conseguem brincar em grupo com mais harmonia e durante um maior espaço de tempo do que as crianças de 2 anos e meio, sendo que este género de brincadeira surge mais vezes espontaneamente. Os aumentos de tensão mais uma vez podem ser atenuados pelo educador organizando brincadeiras de grupo em paralelo.

Segundo Gesell (1998, p.314) as crianças de 3 anos de idade devem seguir o seguinte horário:

Brincadeira ao ar livre	Meia hora
Brincadeiras livres na sala	Uma hora
Música, canto e ritmos	20-30m
Leite e bolachas	10m
Histórias	20-30m
Brincadeiras ao ar livre	Até irem para a cama

**Quadro 3 - Horário a ser seguido para as crianças de 3 anos.**

Nestas idades poderá ser necessário subdividir o grupo para evitar que existam conflitos de personalidade e para ajudar a manter e prolongar por mais tempo as brincadeiras livres. Ao fim de uma semana observa-se um comportamento menos individual e mais integrado, no que diz respeito à qualidade de ajustamento do grupo.

Aos 3 anos e meio começam a ser evidentes disputas entre as crianças, acontecendo muitas vezes juntarem-se outras crianças, duas ou três, para excluírem uma outra, devendo ser o educador a convencer as crianças a voltarem a incluir a criança excluída. Com esta idade surgem tensões individuais que podem gerar conflitos de grupo, quando as crianças querem resolver problemas que implicam ordens ou exigências umas das outras.

As crianças com quatro anos são sociáveis e encontram-se preparadas para realizar atividades em grupo. Existem, no entanto, algumas crianças com dificuldades em aproximar-se das outras. Nesta idade as crianças são imaginativas e cooperantes, conseguindo trabalhar em conjunto para um determinado fim. Deste modo, encontram-se mais inclinadas para a escolha de brincadeiras em grupo e acabam por brincar melhor em grupo do que as crianças com idades inferiores, exigindo, assim, que as suas atividades tenham um planeamento mais cuidado.

Com esta idade o grupo apresenta um comportamento que tende a modificar-se ao longo da semana, ou seja, vai existindo um melhoramento deste e que fará com que atuem com maior coesão como grupo.

Segundo Gesell (1998, p.340) para uma criança desta idade é aconselhável um programa como este:

Brincadeira ao ar livre	30 a 40m
Música	10 a 30m
Brincadeiras livres de interior	40m
Repouso	15m
Leite e bolachas	5 a 15m
Histórias (as crianças podem sair da sala quando o desejarem)	10 a 30m
Brincadeira ao ar livre	Até à hora de saída

**Quadro 4 - Horário a ser seguido para as crianças de 4 anos.**

Aos cinco anos as crianças brincam bem umas com as outras, sobretudo em pequenos grupos. Com esta idade a criança gosta de ajudar, criando muitas vezes uma autêntica cooperação.

Segundo Abecasis (1993, p.165)

mais ou menos pelos seis anos começa a verificar-se grandes mudanças. As crianças começam a estabelecer diálogo com os adultos, e as relações com as outras crianças tornam-se mais estáveis, já numa perspectiva de cooperação com regras estabelecidas. É a partir desta idade que surgem os clubes e os grupos, muitas vezes secretos, com as suas regras e as suas leis.

Com sete anos as crianças não necessitam tanto da companhia de outra para brincar, entretêm-se sozinhas durante longos períodos. No entanto, quando se encontra em grupo a criança não gosta de receber uma reprimenda ou um elogio individual, mas se receber um elogio ao grupo considera isso um estímulo.

Aos oito anos a criança é melhor no jogo de grupo, pois existe *mais cooperação, menos insistência em levar a sua avante, menos aborrecimentos com o comportamento dos outros. Mas qualquer período de jogo não vigiado pode terminar em dissensões.* (Gesell, 1996, p.369)

A criança de nove anos, segundo Gesell (1996, p.370)

entende-se bem com os companheiros, apesar de algumas disputas e desentendimentos. Menos interessada na sua conexão com o amigo e mais no trabalho que fazem juntos. A atividade ou o objetivo a atingir é o que tem importância. Autêntica atividade cooperativa.

Assim, verifica-se que em todos os anos existe cooperação entre as crianças quer nas atividades dirigidas pelo adulto quer nas brincadeiras livres, no entanto com as crianças entre os dois e os três anos é difícil realizar atividades cooperativas dirigidas

pelo adulto e, por isso, o adulto deverá trabalhar a aprendizagem cooperativa através das brincadeiras das crianças.

### **3. Aspetos metodológicos**

#### **Opções metodológicas e procedimentos**

Este trabalho investigativo será de natureza qualitativa, sendo utilizada como metodologia a técnica da entrevista.

Os participantes deste trabalho serão quatro profissionais de educação, dois educadores de jardim de infância e dois professores de primeiro ciclo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, pp.47 - 51) a investigação qualitativa possui cinco características, nomeadamente:

1. *A investigação qualitativa em que fonte direta de dados é o ambiente natural, onde o investigador é constituído como o instrumento principal* (p.47). Nesta investigação os dados são recolhidos através do contacto direto e os materiais registados são depois retificados pelo investigador, pois a compreensão destes registos é o instrumento-chave de estudo. O investigador frequenta o local do estudo, devido a preocupar-se com o contexto envolvente, assumindo que é no ambiente habitual que as ações serão compreendidas da melhor forma e porque o comportamento humano é influenciado pelo contexto em que decorre.

2. *A investigação qualitativa é descritiva* (p.48). A informação recolhida é na forma de imagens e papel e não de números, ou seja esta poderá ser, posteriormente, transcrita de *entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais* (p. 48). Por fim, os investigadores analisam os dados recolhidos na sua totalidade, sendo fiéis à forma como foram registados. *A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio* (p.49).

3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos* (p.49).

4. *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma intuitiva* (p. 50).

5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa* (p.50).

A entrevista poderá ser vista como um instrumento que permite recolher dados que não podem ser obtidos através da observação ou da análise de documentos. Para Bodgan e Biklen (1994, p.134) a entrevista possibilita a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, em que permite ao investigador desenvolver uma ideia sobre a forma como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.

Os principais objetivos da entrevista são a recolha de dados não observáveis que permitem o fornecimento de pistas para a caracterização do processo e conhecer alguns dos aspetos dos intervenientes, bem como a procura de informações sobre o real e os quadros conceptuais dos intervenientes. A escolha do desenho da entrevista é muito importante, pois vai condicionar o tipo de guião a ser construído. A entrevista que foi escolhida para esta investigação é a entrevista semidiretiva.

Para realizar a entrevista, o entrevistador deve manter a confidencialidade dos entrevistados e fazer contextualização do estudo aos mesmos. Ao longo da entrevista o investigador deve colocar as suas questões de forma clara e recorrer a expressões que ajudem o entrevistado a desenvolver e explicitar a informação. Citando Gomes (2013, p.62)

o investigador não deve contrariar nem emitir juízos de valor nem influenciar as respostas. Se um entrevistado bloquear num tópico, o entrevistador deve voltar ao mesmo, a partir de uma abordagem diferente, cuidando para deixar as questões mais complexas para o fim. No desenvolvimento de uma entrevista o investigador deve assegurar a validade e a fiabilidade da mesma, tendo consciência de que as entrevistas medem o que as pessoas dizem e não o que as pessoas sentem ou pensam.

O procedimento realizado para recolha de dados do estudo investigativo foi a entrevista, sendo que esta foi realizada de forma individual a cada educadora e a cada professora. Comecei por me apresentar explicando qual era o estudo e qual era a finalidade do mesmo, garantindo sempre a confidencialidade e anonimato dos entrevistados.

Terminada a apresentação foram então colocadas as diversas questões de modo a saber as perspetivas das educadoras e professoras relativamente à aprendizagem cooperativa.

A entrevista integra as seguintes questões:

1. O que entende por aprendizagem cooperativa?
2. Já alguma vez utilizou a aprendizagem cooperativa na sua prática profissional?

Caso já tenha implementado questionar:

Em que contexto foi feita essa utilização?

Foi utilizada para sistematizar algum conteúdo?

Considera que a implementação da aprendizagem cooperativa foi benéfica para os alunos?

Que vantagens identifica no processo de ensino-aprendizagem pelo método da aprendizagem cooperativa?

3. E desvantagens?

No final da entrevista questioneei as entrevistadas sobre se teriam algo mais a acrescentar ao estudo investigativo que não tivesse sido abordado. Por fim, agradecia mais uma vez a sua disponibilidade e colaboração, mostrando que eram fundamentais para a consecução desta investigação

### **Sujeitos do estudo/participantes**

A presente investigação, na qual eu me incluo como entrevistadora, tinha como participantes, duas educadoras e duas professoras de 1º CEB de ensino básico do concelho de Santarém de diferentes instituições, mas todas cooperantes da Escola Superior de Educação de Santarém. Deste modo, pretendia recolher o testemunho de cada uma sobre o estudo em causa.

Com a participação das educadoras e professoras foi possível conhecer as perspetivas que cada uma tem relativamente à aprendizagem cooperativa.

### **Apresentação e análise dos resultados**

Aqui irão ser apresentados e analisados os dados obtidos através das entrevistas individuais realizadas.

Numa primeira fase foi feita a transcrição das entrevistas, para de seguida registar os dados obtidos numa tabela onde estão contemplados os vários temas do estudo, unidade de registo e unidade de contexto. Por fim, foram apresentados e analisados os resultados obtidos, de modo, a obter uma comparação dos dados recolhidos com o que autores dizem sobre a aprendizagem cooperativa, bem como, encontrar os pontos comuns e/ou divergentes entre as entrevistadas.

Os temas identificados neste estudo foram 3: 1º Tema – “Perspetivas das educadoras e professoras sobre a Aprendizagem Cooperativa”; 2º Tema –

“Aprendizagem cooperativa como estratégia de aprendizagem”; 3º Tema – “ Identificar as vantagens e desvantagens da aprendizagem cooperativa para o processo de ensino-aprendizagem”.

Quando questionadas sobre quais eram as suas perspetivas sobre a aprendizagem cooperativa, de um modo geral, as entrevistadas concordaram entre si: “(...) para mim a aprendizagem cooperativa é, de facto, as crianças conseguirem cooperar para aprender. (...) estou a olhar ali a área das construções, aquilo é fruto (*estava uma construção no chão da sala feita pelas crianças*) de uma aprendizagem cooperativa. Eles acabaram de estar num grupo a construir um objeto comum, em cooperação, um dá uma ideia, outro dá outra ideia. (...) é fruto do trabalho de pequeno grupo.” (educadora 2), é “ (...) interagirem as crianças (...) ” (educadora 1). Pujolás (2001, citado por Fontes & Freixo, 2004, p.26) entende a aprendizagem cooperativa como *um recurso ou estratégia que tem em conta a diversidade dos alunos dentro de uma mesma turma onde se privilegia uma aprendizagem personalizada que só será possível se conseguirmos que os alunos cooperem para aprender.*

Para Lopes e Silva (2009, p. 4) a aprendizagem cooperativa é uma metodologia na qual os alunos, ao longo do processo de aprendizagem se ajudam entre si e com o professor, de modo a adquirir conhecimento sobre um determinado objeto.

Tem em conta os autores supracitados, a professora 2 diz-nos que a “aprendizagem cooperativa é quando os alunos trabalham em conjunto, há uma entreajuda entre eles e vão à procura, descobrir, e isto tudo em grupo, trabalho de equipa”, reforçando a ideia, a educadora 2 diz que “ (...) cooperação (...) não é a questão quantidade, não é mais nem menos, é as diferentes experiências, as diferentes capacidades e as diferentes aprendizagens, conhecimentos, eles poderem realmente, uns com os outros, rentabilizar, não é, rentabilizar, trocar, questionar”.

A educadora 2 reforçando as ideias anteriores refere ainda que “há (...) situações que são situações espontâneas (...) E depois há situações mais estruturadas em que se utiliza mesmo, com intenção a aprendizagem cooperativa” e que a “ (...) cooperação (...) não é a questão quantidade, não é mais nem menos, é as diferentes experiências, as diferentes capacidades e as diferentes aprendizagens, conhecimentos, eles poderem realmente, uns com os outros, rentabilizar, não é, rentabilizar, trocar, questionar.”

Sanches (1994, citado por Ribeiro, 2006, p. 76) *considera que a aprendizagem cooperativa pode contribuir para aumentar a motivação dos alunos para aprender, ajudar a melhorar o rendimento escolar dos colegas, facilitar uma maior retenção dos conteúdos e obter uma compreensão mais profunda das matérias a aprender.*

Assim, a educadora 1 diz-nos que “(...) eles ficam mais autónomos, (...) mais motivados, (...) participam e não se dispersam” e que “(...) aborda-se mais conteúdos, mais participação de todas as crianças, mais autonomia, cumprimentos de regras.” Já a educadora 2 diz-nos que “ (...) a aprendizagem e o desenvolvimento da criança são muito beneficiados com esse método, com esse modo de trabalhar”. A professora 2 refere também que “eles têm sempre o apoio de alguém quando trabalham em conjunto (...) um colega que tenta ajudar, (...) conseguem ter mais benefícios (...)”

Neste sentido, verifica-se que as perspetivas das educadoras e professoras sobre a aprendizagem cooperativa estão associadas aos seguintes termos: “trabalho em conjunto”, “participação de todas as crianças”, “trabalho de equipa”, “ajudam-se mutuamente” e “entreajudam”.

A investigação realizada permite concluir que o trabalho cooperativo é um bom método de trabalho, pois, segundo a educadora 1, “(...) é uma das estratégias que resulta para motivar as crianças para a participação nos projetos, para uns com os outros ajudam-se mutuamente. Gostam de trabalhar mais com a motivação de um colega até do que propriamente o adulto.”, e que “já se recorreu ao método tradicional, depois para podermos avaliar se a criança têm ou não têm determinado conhecimento, ficamos mais libertos para essa observação, para essa avaliação se colocarmos o grupo em aprendizagem cooperativa.” Já a educadora 2 refere que “ (...) o pré-escolar é a fase etária ótima para eles fazerem essa aprendizagem porque eles partem aqui numa turma heterogénea, como a nossa, eles partem de uns três aninhos muito egocentrados, (...)”.

A aprendizagem cooperativa como estratégia de aprendizagem é vista como uma estratégia que motiva as crianças a participar nos projetos, motivando-os ainda para se ajudarem uns aos outros. Refere-se ainda que o pré-escolar é o período indicado para trabalhar a aprendizagem cooperativa.

Como vantagens, a educadora 1 refere que “(...) eles ficam mais autónomos, (...) mais motivados, (...) participam e não se dispersam”, “(...) aborda-se mais conteúdos, mais participação de todas as crianças, mais autonomia, cumprimentos de regras” e “trabalha-se várias áreas de conteúdo com a aprendizagem cooperativa.”. Já a

educadora 2 refere que “ (...) a aprendizagem e o desenvolvimento da criança são muito beneficiados com esse método, com esse modo de trabalhar”, é um “ benefício a longo prazo” e apresenta um exemplo observado na sua prática em que “ (...) um dava uma opinião, outro dava outra, outro dizia que era sábado, outro dizia que era domingo, portanto, essa cooperação e que normalmente também implica o questionário, porque ele diz: “Mas porque é que estas a dizer isso?” ou “Porque é que...” este questionário e este responder claro que desenvolvem muito mais capacidade de argumentar, não é? E pronto, as aprendizagens ficam muito mais consolidadas.”. A professora 2 refere que “eles têm sempre o apoio de alguém quando trabalham em conjunto (...) um colega que tenta ajudar, (...) conseguem ter mais benefícios (...)”.

No entanto, são também apontadas algumas desvantagens da aprendizagem cooperativa. A professora 2 refere que “(...) muito mais difícil de gerir o espaço e o ruído, (...) precisamos também de mais tempo, porque as coisas não são tão rápidas como nós queremos (...)”, já a educadora 2 refere que “as desvantagens da cooperação são sempre para nós adultos, porque se nós queremos que as crianças trabalhem de forma colaborativa: primeiro temos de dar um bocado o exemplo (...)”.

São identificadas como vantagens da aprendizagem cooperativa para o processo de ensino-aprendizagem termos como: “autonomia”, “motivação”, “partilha de ideias/capacidade de argumentar” e “maior desenvolvimento”.

São identificadas como desvantagens da aprendizagem cooperativa para o processo de ensino-aprendizagem a dificuldade em gerir o espaço e o ruído, falta de tempo. É-nos dito ainda que as desvantagens são apenas para os adultos.

### **Principais conclusões**

Terminado o exercício de investigação pude concluir que como futura educadora/professora devo trabalhar mais a aprendizagem cooperativa, pois é algo que motiva as crianças nas suas aprendizagens e desenvolve a sua autonomia. É importante ainda referir que é mais fácil aprender quando existe uma partilha de ideias do que de forma individualista, pois isso cativa mais o interesse de um indivíduo.

Respondendo agora à minha questão de investigação: “*De que modo a aprendizagem cooperativa poderá ser benéfica para a aprendizagem dos alunos?*”, verifica-se que a aprendizagem cooperativa desenvolve e motiva a interação e entretajuda com o outro, assumindo assim a escola um papel importante nesta

motivação, pois deve transmitir competências sociais de forma a criar o diálogo, a cooperação e a partilha. Estas competências são também importantes para diversificada sociedade que se verifica atualmente, pois as crianças têm de lidar diariamente com outras culturas e outros costumes.

Também o professor/educador tem um papel muito importante na aprendizagem cooperativa, pois além de gerir o trabalho de grupo deve ainda recorrer a pedagogias diferenciadas, de modo, a respeitar a progressão individual de cada criança. Deve ainda, proporcionar atividades diversificadas com o objetivo de motivar as crianças, bem como ajuda-las a lidar com as adversidades que possam surgir, ajudando assim a lidar com situações de sucesso ou de insucesso.

Através das entrevistas às educadoras e professoras verifica-se que a aprendizagem cooperativa é um bom método de ensino para as crianças, pois eles ficam mais autónomos e motivados. As educadoras sugerem ainda o uso da aprendizagem cooperativa logo nos três anos, pois dizem ser uma idade muito egocentrada, em que ainda querem tudo para eles. Já as professoras dizem que as crianças no 1º CEB são muito individualistas e competitivas e o uso da aprendizagem cooperativa é uma forma de os ajudar a ultrapassar estas atitudes e de começarem a ser mais cooperativos e mais amigos.

As desvantagens da aprendizagem cooperativa apontadas, quer pelas educadoras, quer pelos professores, são para os professores e não para o desenvolvimento dos alunos, ou seja, as desvantagens apontadas são relativamente à gestão do grupo e do espaço e devido à gestão do tempo que é necessário para a realização de um trabalho em que é utilizada a aprendizagem cooperativa. Assim sendo, pude concluir que a aprendizagem cooperativa é muito benéfica para o desenvolvimentos das crianças. No entanto a sua implementação é insuficiente devido aos extensos programas a serem dados ao longo dos anos o que dificulta os professores a arranjam tempo para realizar atividades de grupo através da aprendizagem cooperativa.

### **Parte III - Reflexão final**

Ao longo deste Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º CEB do Ensino Básico existiu da minha parte uma grande evolução a nível profissional e pessoal, pois através das unidades curriculares de formação teórica, das experiências vividas em contexto de estágio e dos trabalhos desenvolvidos foram-me transmitidos diversos conhecimentos que considero fulcrais e que me enriqueceram enquanto profissional na área da educação.

Toda a formação teórica que me foi transmitida ao longo das diversas unidades curriculares, em que muitas vezes achei que não fazia grande sentido para mim, foi, posteriormente, vivenciada e aplicada nos diferentes estágios realizados, jardim de infância, 1º CEB e, por fim, creche, tendo sido muitas vezes uma ajuda para ultrapassar diversas situações de conflito para mim.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada pude experienciar e vivenciar momentos fulcrais para o meu desenvolvimento profissional e social. Assim, aprecio que um bom profissional deve ser ativo, participando ativamente na comunidade educativa, sendo muito importante para uma boa integração na instituição que me recebia a fim de realizar o meu estágio. Deste modo, foi-me possível perceber as relações que existem entre os professores, entre os funcionários e entre ambos, bom como as dinâmicas, o que, por vezes, é essencial para desenvolver um trabalho com qualidade.

A planificação é um instrumento essencial a uma boa gestão de sala de aula e, por isso, foi sempre elaborada com cuidado, tendo especial atenção ao contexto em que estava inserida, bem como às reais necessidades da turma. Para isto, foi necessário consultar documentos orientadores e as avaliações realizadas sobre as características dos grupos de alunos, bem como sobre cada instituição.

Este trabalho é o reflexo de um trabalho de investigação que assenta num trabalho de reflexão e de enriquecimento de conhecimentos sobre um determinado tema.

A questão de investigação desenvolvida surgiu no contexto de estágio de jardim de infância e prendia-se com o facto de as crianças neste contexto não trabalharem em grupo, ou seja, de as atividades dirigidas, todas elas serem realizadas individualmente.

Com este trabalho pude perceber que a aprendizagem cooperativa é fundamental na nossa prática profissional, pois ao trabalharmos todos em conjunto aprendemos mais, existe partilha de ideias e conhecimentos que nos ajudam a crescer a todos. Assim, é essencial que desde muito cedo as crianças comecem a perceber a importância do “outro” e que também aprendem trabalhando em conjunto e, por isso, desde muito cedo deveríamos começar a trabalhar utilizando o método de aprendizagem cooperativa, para que as crianças comecem a perceber as vantagens do trabalho com o outro.

Pretendia com este trabalho implementar a aprendizagem cooperativa nos estágios seguintes, no entanto, no caso do 1º CEB não me foi possível implementar, pois a professora pediu-nos que seguíssemos o manual, pois os pais estavam habituados a isso e os alunos também e, por isso, foi difícil conseguir contornar a situação. No caso da creche, sala de dois anos, também não consegui implementar, pois quando expliquei aquilo que pretendia fazer foi-se transmitido que a aprendizagem cooperativa com as crianças desta idade era impossível de realizar e, por isso, não me foi permitido realizá-la, não podendo analisar os resultados finais que poderiam surgir. Na minha opinião, acredito que seja difícil, mas não impossível uma vez que através de uma brincadeira as próprias crianças acabam, aos poucos, por cooperarem umas com as outras e, por isso, poderia usar um destes momentos para implementar a aprendizagem cooperativa. Tal como já foi referido as crianças nestas idades têm pouca capacidade de concentração pelo que as atividades planeadas devem ser espaçadas e curtas. Deste modo, onde se verifica uma maior cooperação nestas idades é nas brincadeiras em grupo, sendo nestas que o educador poderá intervir, com o objetivo de trabalhar a aprendizagem cooperativa.

Visto não ter sido possível a implementação da aprendizagem cooperativa tive de optar por outra metodologia de estudo para conseguir realizar esta investigação. Assim, optei pelo método da entrevista a educadores e professores de modo a perceber quais as perspetivas destes sobre a aprendizagem cooperativa.

Este trabalho foi muito gratificante para mim, pois fiquei a conhecer o que é a aprendizagem cooperativa e a importância que esta tem para as aprendizagens e para o desenvolvimento das crianças.

## Referências bibliográficas

- Abecasis, M. (. (1993). *Ser o Mesmo e Ser o Outro*. Lisboa: Contextos Editora.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Porto: ASA Editores.
- Apei - Associação de Profissionais de Educação de Infância. (s.d.). Obtido em 09 de 09 de 2014, de Modelos Pedagógicos: <http://apei.pt/educacao-infancia/modelos-pedagogicos/>
- Bessa, N., & Fontaine, A.-M. (2002). *Cooperar para prender - Uma introdução à aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA Editores.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e os métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardona, M. J., & Guimarães, C. M. (2013). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.
- Cordeiro, M. (2012). *O Livro da Criança do 1 aos 5 anos* (6ª ed.). Lisboa: A esfera dos livros.
- Educação, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (D. d. Básica, Ed.) Lisboa: Núcleo da Educação Pré-Escolar.
- Fernandes, E. (1997). O trabalho cooperativo num contexto de sala de aula. *Análise Psicológica*, XV, pp. 563-572.
- Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Freitas, L., & Freitas, C. (2002). *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Edições ASA.
- Gesell, A. (1996). *A criança dos 5 aos 10 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gesell, A. (2000). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gomes, H. (2013). *A Aprendizagem Cooperativa como Ferramenta para a Inclusão*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa.
- Leitão, F. (2006). *Aprendizagem Cooperativa e Inclusão*. Cacém: Ramos Leitão.
- Lopes, J., & Silva, H. (2008). *Métodos de aprendizagem cooperativa para o jardim de infância*. Lisboa: Areal Editores.
- Lopes, J., & Silva, H. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas.
- Monteiro, R. (2012). *A aprendizagem cooperativa como estratégia de ensino na ação de educadores de infância e professores de 1º ciclo do ensino básico*. Relatório

- de Estágio, Universidade dos Açores, Departamento de Ciências da Educação, Ponta Delgada.
- Pereira, A. S. (2015). *A Aprendizagem Cooperativa nas Primeiras Idades: (Des) Continuidades Educativas*. Relatório final, Escola Superior de Educação de Santarém.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Ribeiro, C. (2006). *Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: uma estratégia para aquisição de algumas competências cognitivas e atitudinais definidas pelo Ministério da Educação*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Rodrigues, P. (2012). *Aprendizagem cooperativa em contexto de sala de aula*. Relatório de Estágio, Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança.
- Simões, J. (2013). *A Aprendizagem Cooperativa na Infância*. Relatório de Estágio, Escola Superior de Educação de Santarém, Santarém.
- Varela, H. A. (2010). *À procura de uma identidade: Modelos Pedagógicos e Curriculares em Educação de Infância*. Dissertação, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia, Vila Real.

## Anexos

### Anexo I – Guião da Entrevista

Temas ou blocos temáticos	Objetivos	Questões	Observações
Legiti mação da entrevista	<p>Legitimar a entrevista;</p> <p>Motivar o entrevistado;</p> <p>Dar a conhecer o trabalho de investigação;</p> <p>Informar sobre a importância da sua colaboração para a realização deste trabalho;</p> <p>Informar sobre a recolha dos dados.</p>	<p>Como sabe, estou a realizar um estudo sobre os benefícios da Aprendizagem Cooperativa para a aprendizagem dos alunos e quais as perspetivas que os professores/educadores têm sobre a aprendizagem cooperativa.</p> <p>Assim, necessito da sua colaboração de modo a saber a importância da aprendizagem cooperativa nas aprendizagens dos alunos (e em como os professores/educadores veem esta questão)</p> <p>Todos os dados recolhidos ao longo desta</p>	<p>Frisar que se trata de um estudo...</p> <p>Esclarecer que a entrevista servirá para recolher os dados que nos permitem caracterizar quais os benefícios que a aprendizagem cooperativa tem para a aprendizagem dos alunos.</p> <p>Garantir a confidencialidade e anonimato do sujeito, bem como a proteção e a não difusão dos registos.</p>

		entrevista serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.	
Perspetivas sobre a Aprendizagem Cooperativa	Perceber o que o professor/educador conhece sobre a aprendizagem cooperativa.	O que entende por aprendizagem cooperativa?	Procurar saber o que os professores/educadores entendem sobre a aprendizagem cooperativa.
Estratégias ou Práticas	Sistematizar os diferentes contextos possíveis da aprendizagem cooperativa no processo ensino-aprendizagem	Já alguma vez utilizou a aprendizagem cooperativa na sua prática profissional? Caso já tenha implementado questionar: Em que contexto foi feita essa utilização? Foi utilizada para sistematizar algum conteúdo? Considera que a implementação da aprendizagem cooperativa foi benéfica para os alunos?	Averiguar se foi utilizada a aprendizagem cooperativa e em que contexto.  Caso não tenha implementado questionar: Porque é que nunca utilizou a aprendizagem cooperativa na sua prática profissional?
Vantagens e desvantagens	Identificar as vantagens e desvantagens da	Que vantagens identifica no processo de ensino-aprendizagem	

	aprendizagem cooperativa para o processo de ensino-aprendizagem	pelo método da aprendizagem cooperativa? E desvantagens?	
Valida a entrevista	<p>Recolher informação não prevista ou não solicitada anteriormente e que se afigure importante para o sujeito.</p> <p>Averiguar as reações do sujeito à situação de entrevista.</p> <p>Recolher sugestões do entrevistado acerca dos tópicos a incluir na entrevista.</p> <p>Concluir a entrevista.</p>	<p>Há alguma situação que considere importante no que se refere à caracterização da aprendizagem cooperativa e que não tenha sido abordada?</p> <p>Deseja acrescentar alguma coisa?</p> <p>O que pensa desta entrevista? E da investigação que lhe está associada?</p> <p>O que acrescentaria a este trabalho?</p> <p>Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e colaboração, fundamentais para a consecução desta investigação</p>	<p>Agradecer mais uma vez e valorizar o contributo do entrevistado.</p>

## Anexo II – Transcrição das Entrevistas

### Educadora 1

**Entrevistador:** Como sabe, estou a realizar um estudo sobre os benefícios da Aprendizagem Cooperativa para a aprendizagem dos alunos e quais as perspetivas que os professores/educadores têm sobre a aprendizagem cooperativa.

Assim, necessito da sua colaboração de modo a saber a importância da aprendizagem cooperativa nas aprendizagens dos alunos (e em como os professores/educadores veem esta questão)

Todos os dados recolhidos ao longo desta entrevista serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.

Ia começar por lhe perguntar o que entende por aprendizagem cooperativa?

**Educadora 1:** A aprendizagem cooperativa aqui à uns anos não tinha esse nome. Mas eu entendo que é a mesma coisa, o trabalhar com pares pedagógicos, a criança que tem mais têm mais conhecimentos, que já está com mais conhecimentos que outra ajudar as que estão com menos conhecimentos. Portanto, interagirem as crianças, as que estão mais desenvolvidas com as que estão menos desenvolvidas.

**Entrevistador:** Já alguma vez utilizou a aprendizagem cooperativa na sua prática profissional?

**Educadora 1:** Utilizo muitas vezes. Porque é uma das estratégias que resulta para motivar as crianças para a participação nos projetos, para uns com os outros ajudam-se mutuamente. Gostam de trabalhar mais com a motivação de um colega até do que propriamente o adulto.

**Entrevistador:** Portanto essa utilização foi feita para sistematizar algum conteúdo, alguma vez, que tenha sido abordado?

**Educadora 1:** Sim, podemos dizer que sim. Já se recorreu ao método tradicional, depois para podermos avaliar se a criança têm ou não têm determinado conhecimento, ficamos mais libertas para essa observação, para essa avaliação se colocarmos o grupo em aprendizagem cooperativa.

**Entrevistador:** E considera que essa implementação foi benéfica para os alunos?

**Educadora 1:** Muito benéfica. Portanto, eles ficam mais autónomos, que eles ficam mais motivados, que participam e não se dispersam.

**Entrevistador:** E sentiu que eles começam a respeitar-se mais uns aos outros, trabalhando cooperativamente, deixa de haver tanto individualismo, tanta competição entre eles?

**Educadora 1:** É uma das vantagens, é essa mesmo. É eles perceberem que todos juntos conseguem fazer mais e melhor cada um colabora com o que consegue fazer e o produto final é muito mais produtivo do que individualmente.

**Entrevistador:** E que vantagens identifica no processo ensino-aprendizagem pelo método da aprendizagem cooperativa, além das já referida?

**Educadora 1:** Pois já referi, já referi o... aborda-se mais conteúdos, mais participação de todas as crianças, mais autonomia, cumprimentos de regras.

**Entrevistador:** E desvantagens?

**Educadora 1:** Não há desvantagens. Ainda me estou a lembrar de mais uma vantagem. Nós no pré-escolar temos muito a preocupação de trabalhar várias áreas de conteúdo ao mesmo tempo. Com a aprendizagem cooperativa, conseguimos também esse objetivo. Trabalha-se várias áreas de conteúdo com a aprendizagem cooperativa.

**Entrevistador:** E em relação ao grupo qual é que acha que seria o número ideal para formar um grupo para trabalhar a aprendizagem cooperativa?

**Educadora 1:** Sem dúvida até vinte, mais de vinte é muito.

**Entrevistador:** Trabalhar com o grupo todo.

**Educadora 1:** Com o grupo todo é muito e por vezes, vai muito depender dos temas a ser trabalhados. Por vezes, inté dividir em grupos, médios grupos, portanto, dividir para... certas crianças fazem uma determinada tarefa, outras crianças fazem outra, não estar o grande grupo, todos na mesma atividade.

**Entrevistador:** Agradeço-lhe, então, a disponibilidade. Gostaria só de saber se tem alguma situação que considere importante e relevante para este estudo, que pretenda abordar.

**Educadora 1:** Acho que já falamos tudo.

**Entrevistador:** Agradeço-lhe, então.

**Educadora 1:** Obrigada e boa sorte.

**Entrevistador:** Obrigada.

## **Educadora 2**

**Entrevistador:** Como sabe, estou a realizar um estudo sobre os benefícios da Aprendizagem Cooperativa para a aprendizagem dos alunos e quais as perspetivas que os professores/educadores têm sobre a aprendizagem cooperativa.

Assim, necessito da sua colaboração de modo a saber a importância da aprendizagem cooperativa nas aprendizagens dos alunos (e em como os professores/educadores veem esta questão)

Todos os dados recolhidos ao longo desta entrevista serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.

Ia começar por lhe perguntar o que entende por aprendizagem cooperativa?

**Educadora 2:** Bem, para mim, a aprendizagem cooperativa, vamos lá ver, a criança de jardim de infância começa por não ter aprendizagem cooperativa ou, vamos lá ver, há uma diferença entre a aprendizagem que resulta da interação, quando é bebé, das várias interações, é diferente da aprendizagem cooperativa. Portanto, a criança do pré-escolar, está capaz de aprender cooperativamente, se for ajudada e se houver situações que propiciem esse desenvolvimento, dessa capacidade que todos nós seres humano temos, mas que se não desenvolvermos ela não surge do nada, não é. E portanto, para mim a aprendizagem cooperativa é, de facto, as crianças conseguirem cooperar para aprender. Quer, por exemplo, estou a olhar ali a área das construções, aquilo é fruto de uma aprendizagem cooperativa. Eles acabaram de estar num grupo a construir um objeto comum, em cooperação, um dá uma ideia, outro dá outra ideia. Esta outra construção também, portanto e é fruto do trabalho de pequeno grupo. Há outros exemplos, pronto, evidentemente, mas agora tenho estes mesmos aqui há frente dos meus olhos.

**Entrevistador:** E já alguma vez utilizou a aprendizagem cooperativa na sua prática profissional?

**Educadora 2:** Pois, eu, quer dizer, há de facto estas situações que são situações espontâneas, porque a criança vai evoluindo e, portanto, vai naturalmente nas suas

brincadeiras revelando precisamente essa capacidade e vai até melhorando os seus produtos à conta de, como consequência da cooperação, mas depois e já agora relembre-me lá a pergunta.

**Entrevistador:** Se já alguma vez utilizou a aprendizagem cooperativa na sua prática profissional?

**Educadora 2:** Ah! E depois há situações mais estruturadas em que se utiliza mesmo, como intenção a aprendizagem cooperativa. E eu já, já utilizei e faço até questão, acho que o pré-escolar é a fase etária ótima para eles fazerem essa aprendizagem porque eles partem aqui numa turma heterogénea, como a nossa, eles partem de uns três aninhos muito egocentrados, mas que já não são tanto como antigamente, as crianças também estão diferentes e para uma capacidade de trabalhar com o outro, de ajudar ou de ser ajudado porque muitas vezes é tão difícil ajudar, aprender a ajudar, até para nós adultos, como aprender a ser ajudado e a pedir ajuda. Claro que a cooperação não é só, portanto, pode existir a cooperação entre pessoas perfeitamente, como é que eu hei-de dizer, eu parece que estou só a dar o exemplo do aluno que sabe menos e do aluno que sabe mais, por exemplo, mas não é isso que eu penso. Eu penso que a cooperação não tem propriamente a ver com isso, não é a questão quantidade, não é mais nem menos, é as diferentes experiências, as diferentes capacidades e as diferentes aprendizagens, conhecimentos, eles poderem realmente, uns com os outros, rentabilizar, não é rentabilizar, trocar, questionar. Ainda à bocado, aqui, se passou isso, não é? Estávamos a ver os dias do mês e do calendário, portanto, um dava uma opinião, outro dava outra, outro dizia que era sábado, outro dizia que era domingo, portanto, essa cooperação e que normalmente também implica o questionário, porque ele diz: “Mas porque é que estas a dizer isso?” ou “Porque é que...” este questionário e este responder claro que desenvolvem muito mais capacidade de argumentar, não é? E pronto, as aprendizagens ficam muito mais consolidadas.

**Entrevistador:** Que vantagens identifica no processo de ensino-aprendizagem pelo método da aprendizagem cooperativa?

**Educadora 2:** Eu acho que já disse aqui algumas, portanto, há vantagens ao nível da, da própria aprendizagem, acho que há vantagens. Há vantagens ao nível da relação humana e da construção até da pessoa, não é? Da pessoa, do cidadão, da pessoa que vai viver em democracia, que vai viver em conjunto, que vai viver de forma colaborativa, que vai trabalhar assim, não é? No mundo de hoje? Embora o mundo de hoje seja muito contraditório e eles entre a competição e a colaboração há sempre esta tensão que, mesmo nas crianças desta idade, como nos adultos, há sempre esta tensão, nós seres humanos entre a cooperação e a competição, há sempre... Eu chamo-lhe tensão porque é assim é uma coisa que está sempre, existe sempre e pode até ser estimulante, quer uma quer outra e não as ponho como opostas, quer dizer acho que podem até coexistir e nós, pronto, temos é que aproveitar pedagogicamente essas situações em que as coisas surgem para fazer evoluir, para questionar, para fazer a criança falar, porque as crianças hoje falam pouco, tem muitos problemas de linguagem e, pronto, para fazer evoluir, fazer crescer, ajudar a crescer, a tal zona proximal de que fala o Vygotsky, não é? Fazer com que a criança saia daquele seu estado de aprendizagem, para se questionar e, portanto, poder dar um salto para se superar. Pronto, já não sei qual é a pergunta, porque eu ponho-me a falar.

**Entrevistador:** Que vantagens identifica no processo de ensino-aprendizagem pelo método da aprendizagem cooperativa?

**Educadora 2:** Pois, falei nessa da aprendizagem, eu acho que a aprendizagem e o desenvolvimento da criança são muito beneficiados com esse método, com esse modo de trabalhar e depois eu acho que é quase, o benefício maior que eu vejo é o benefício a longo prazo, porque é um benefício de qualquer coisa que fica, numa idade em que a criança é muito “imatura” (imatura até entre aspas), mas muito esponja, muito capaz de aprender, portanto, são aprendizagens ao nível das atitudes que eu acho que vão ficar para a vida toda. Eu, pelo menos, acredito nisso e trabalho com esse objetivo.

**Entrevistador:** E desvantagens, neste processo?

**Educadora 2:** As desvantagens da cooperação são sempre para nós adultos, porque se nós queremos que as crianças trabalhem de forma colaborativa, primeiro

temos de dar um bocadinho o exemplo, não é? Porque se eu estou na sala com uma auxiliar e não tenho uma relação de cooperação com ela, não é? Portanto, por outro lado até ao nível da própria escola, da própria dinâmica de uma escola inteira ou das duas salas de jardim. Portanto, se as pessoas não cooperam, não é? E os grupos não se juntam para determinados jogos, para determinadas atividades, não adianta, porque nós podemos falar ou podemos vivenciar na sala de aula uma pequenina, pronto, uma área em que eles, pois eles cooperam normalmente, estão a ver livros em conjunto, portanto, a debater uma história que já conhecem ou a fazer ali nos fantoches, a construir uma pequena dramatização com fantoches, também estão a fazer um trabalho cooperativo, quer dizer, mas isso não chega, se nós não pensarmos também no resto do que está à nossa volta e embora seja muito difícil, atualmente, eu acho que é muito difícil, porque nós temos tempos muito pesados fora do tempo letivo e às vezes não é fácil, mas esta escola, felizmente, eu acho que tem muitas situações dessas. Agora, quando falava negativos, vamos lá ver, eu os negativos acho que é só mesmo a questão do trabalho que dá ao adulto, por outro lado, na criança também é capaz de a cooperação, vamos lá ver, a cooperação, eu também... a própria definição que eu dei também implicou a competição, portanto, aí já está o lado que nós achamos que é negativo, mas que também... Eu não vejo aspetos negativos propriamente ditos, tirando aqueles do adulto.

**Entrevistador:** Para as aprendizagens das crianças não há?

**Educadora 2:** Para as aprendizagens das crianças não, não vejo, mas acho que, lá está, a cooperação com a competição, com o trabalho individual de concentração, que também é muito importante, mesmo no jardim de infância ou até a ler um livro, usar um material pela primeira vez, a exploração individual é muito importante também, porque a cooperação não existe sem autoestima, por exemplo. Sem um conhecimento de si próprio, algum trabalho sobre si próprio individual, até da própria autodisciplina, tudo isso está implicado.

**Entrevistador:** Pronto agradeço-lhe, então o ter colaborado comigo. Gostaria de saber se tem mais alguma coisa a acrescentar a esta entrevista que não tenha sido abordado e que ache que fosse importante para o estudo em questão?

**Educadora 2:** Não, eu só acho é que nós em educação, há uma coisa que eu acho muito importante, é que quando nós falamos em cooperação ou em..., mas palavras têm sempre um sentido que a própria época em que vivemos lhes dá e, portanto, eu acho que esta questão da cooperação têm que ser contextualizada. Na atualidade social, até política que nós vivemos, portanto, porque a educação está ligada a tudo, ao mundo e ao que se passa no mundo, não é? E nós não podemos estar aqui educar um cantinho sem uma noção alargada do que é que estamos a fazer. Portanto, essa cooperação, para mim está ligada a uma quase, quer dizer no fundo a uma crença, eu acredito na cooperação, acredito que é a cooperação que vai vencer no mundo, digamos assim, e não a competição.

**Entrevistador:** Convinha que fosse...

**Educadora 2:** Mas estamos numa época em que isso é muito difícil, portanto só gostaria de acrescentar isso. O que é que eu quero dizer com isto que realmente para o adulto é mais difícil até contrariar, porque a educação em casa tem muito de mais incentivo, por vezes, por vezes, porque felizmente há, e há muitos tipos de famílias, muito diversificadas e aqui nota-se essa diversidade, bastante grande e, portanto, nesse sentido eu acho que, pronto eu, eu acredito e quero continuar a acreditar, enfim como utopia quase. A utopia faz falta.

**Entrevistador:** Sim as pessoas estão cada vez mais individualistas, é verdade, temos que...

**Educadora 2:** Juntar, a tendência social do individualismo que é negável atualmente. Juntá-la com o egocentrismo de uma criança de tenra idade, quando chega ao jardim, não se lhe pode chamar, hoje, outra coisa, Piaget chamou-lhe egocentrismo, mas poderão outros autores chamar-lhe outra coisa, de qualquer modo é uma forma de..., é uma atitude de uma fase de desenvolvimento a que a criança ainda está um bocado, pelo menos emocionalmente virada para si própria, não é? Mesmo que já esteja a explorar os objetos, etc.. E portanto a cooperação vem aos poucos é uma aprendizagem, não nasce com a criança, tem de ser conquistada e não é fácil. Exige muitos debates, exige muitas conversas, exige muito aprofundamento de situações de

conflitos, de vamos ver de criação, por exemplo, do livro das regras que vai aumentando de páginas à medida que uma situação de conflito surge e, portanto, se chega a uma conclusão, então não é assim que se resolve este problema, então a solução é sempre uma solução que passa pela cooperação e não pela competição, por exemplo. Esta ideia que eu gostava de dar só final é mesmo o contexto social do país, do mundo em que nós vivemos. Temos de também ter a noção do nosso pequenino papel, mas que é grande se nós também tivermos esta dimensão de que não estamos sozinhas.

**Entrevistador:** Sim é verdade.

**Educadora 2:** Muitos querem mudar isto, etc..

**Entrevistador:** Agradeço-lhe então mais um vez.

**Educadora 2:** De nada. Também gostei.

**Entrevistador:** É uma grande ajuda.

**Educadora 2:** Eu gosto de conversar sobre estas coisas e faz-nos falta a nós. Sim, ajuda-nos também a refletir. Quando estamos a expor as nossas ideias, estamos a refletir sobre elas também.

## Professor 1

**Entrevistador:** O tema de entrevista é sobre a aprendizagem cooperativa e a perspectiva dos professores sobre este tema, portanto começaria por tentar perceber o que é que a professora entende por aprendizagem cooperativa.

**Professor 1:** Aprendizagem cooperativa no 1º CEB, numa escola como esta, às vezes não é muito fácil haver um grande desenvolvimento a nível de cooperativo, mas sobretudo fazemos atividades ....

A nível de trabalho cooperativo interescolas é um bocado complicado, não é fácil sobretudo por falta de transporte, Às vezes efetuamos algumas atividades em conjunto, mas é muito raro., precisamente por essa dificuldade. Entre turmas por vezes desenvolvemos atividades em que existe interação entre os alunos e nós cooperamos, as colegas, cooperamos umas com as outras no desenvolvimento dessas atividades, por exemplo, estou a lembrar-me de uma atividade que foi desenvolvida pelas estagiárias que estiveram cá na altura do Carnaval, e em que participaram todos os alunos da escola; elas desenvolveram, dentro daquilo que estava previsto, e do que nós propusemos mais ou menos, houve atividades que foram desenvolvidas pelas turmas todas, e todas nós interagimos nessas atividades, ou seja, demos ideias, as colegas das turmas deram ideias, mas o trabalho foi desenvolvido pelas estagiárias, elas é que fizeram, particamente esse dia foi todo com elas. É mais nesse sentido que há trabalho cooperativo. A nível de turma, quem tem, por exemplo, vários níveis de ensino, não pode haver trabalho cooperativo; os mais velhos às vezes cooperam, vamos lá, com os mais novos, ajudam, os mais adiantados, estão um pouco mais despachados, enquanto os mais atrasados fazem o trabalho, às vezes dão alguma ajuda aos alunos mais atrapalhados, mais atrasado nos outros anos, isso às vezes até é bom para eles, eles ficam com a ideia de que já sabem fazer muita coisa, e que gostam de ajudar, há alunos que gostam de ajudar, e é mais nesse sentido que desenvolvemos trabalho cooperativo, se calhar não é bem trabalho cooperativo, mas numa escola com estas dimensões, e, pronto, com a distancia que existe em relação às outras, a escola mais próxima do Agrupamento é a escola dos Combatentes, e não é fácil realmente interagirmos umas com as outras a nível de trabalho cooperativo interescolas, mas entre turmas fazemos trabalho cooperativo neste sentido, em que há por vezes atividades em que eles podem

cooperar uns com os outros, de resto temos uns programas tão grandes, tão extensos, que não é fácil, e com turmas com vários anos de escolaridade não é fácil, portanto a nível de trabalho cooperativo é mais nesse sentido...

**Entrevistador:** Em aula, em si..

**Professor 1:** Em aula em si, haver trabalho cooperativo em turma, foi mais nesse sentido, como eu disse, no Carnaval, às vezes há atividades em que eles participam e deslocam-se de uma sala para a outra, por exemplo, tivemos aqui uma atividade relacionada com a segurança, vieram alunas da outra turma e estiveram aqui com os meus e pronto, é mais nesse sentido, porque os programas são muito extensos, e nem sempre, às vezes há ideias para fazermos alguma atividade em cooperação umas com as outras, mas depois começamos a pensar; mas eu tenho este programa para dar, e eu, sobretudo este ano tinha as provas globais para dar do quarto ano, de maneira que eu quando acabei o trabalho que foi acabado com as estagiárias, nos primeiros dias de Maio, depois a partir daí foi preparar os alunos para as provas, e a preocupação das provas, e ainda continuo com a preocupação das provas porque ainda tenho alunos para fazer a segunda fase porque estiveram doentes na primeira fase, só por isso é que ficaram retidos, de resto correu tudo muito bem, mas é muito complicado com os programas, e depois estão constantemente a mudar, e para nós também é um bocado complicado, porque precisamos de estar a par do que é preciso dar nos programas, e acaba por não haver grande trabalho cooperativo, precisamente, por isso, porque mesmo a nível de 1º ano, é um programa muito complicado, muito extenso, no 2º ano é também, portanto em relação ao trabalho cooperativo, é mais ou menos isto.

**Entrevistador:** E que vantagens identifica no processo de aprendizagem por este método?

**Professor 1:** Há muitas vantagens, há sobretudo a nível de vivências, de troca de experiências entre alunos quando eles de fato sabem expor e explicar coisas que aprenderam e perceberam e entenderam dentro das atividades, há coisas muito importantes que eles realmente podem discutir dentro da sala, a questão do tempo, é que

é sempre a mesma questão, a falta de tempo e os programas intensos para dar, às vezes não conseguimos explorar bem a parte da aprendizagem individual de cada aluno por causa mesmo da falta de tempo.

**Entrevistador:** E desvantagens?

**Professor 1:** Desvantagens.... Para desenvolver atividades cooperativas realmente com algum proveito para eles, é necessário haver algum envolvimento deles mas também nosso na preparação das atividades

e por vezes a disponibilidade não é..., é a tal questão, volta a mesma questão da disponibilidade e da falta de tempo, e agora com as turmas mistas, nota-se cada vez mais isso. Quando à uma turma em que são todos do mesmo ano pode olhar-se, olha há uma atividade interessante para eles desenvolverem, para ir a qualquer sitio fazer, mesmo aqui na cidade há coisas que se podem fazer , e eles tem autorização para sair, e às vezes poderíamos pensar, olha era interessante fazer uma atividade relacionada com determinado tema que até pode envolver a Matemática, o Português e o Estudo do Meio, pode envolver tudo e seria interessante, mas isso implica sempre uma preparação, e é preciso sempre algum tempo para eles desenvolverem esse trabalho e depois explorar isso como deve de ser, e acaba por não ser explorado convenientemente porque depois começamos a pensar, nós temos as planificações mais ou menos estruturadas a nível de agrupamento, e sabemos que neste mês temos de dar isto, e depois no outro mês temos de dar aquilo, e se nós não aproveitarmos bem o tempo, acaba por faltar, por isso é que há essa desvantagem, porque implica tempo, e o tempo nem sempre existe.

**Entrevistador:** Agradeço então. Não sei se tem alguma coisa importante a dizer relacionado com este tema?

**Professor 1:** Não, eu acho, no fundo já disse o essencial, já disse, de fato os programas são muito extensos e há a questão das turmas mistas, eu desde que estou nesta escola tive sempre turmas mistas, só tive um ano em que tive um grupinho de 2º ano e deu realmente para explorar as coisas com mais calma e deu para eu cimentar bem os conteúdos com eles porque tinha só o grupo do segundo ano, agora confesso muito

sinceramente, no primeiro ano tive 1º e 2º, no segundo só tive 2º, no terceiro tive 3º e 2º e este ano tive 1º e 4º; são interesses completamente diferentes, os do 2º e do 3º são diferentes, e os do 1º e do 4º também são diferentes, ou seja, há conteúdos que se podiam explorar muito bem para o primeiro ano, mas depois há o 4º ano, e eu não posso deixar o 4º ano para trás, e há conteúdos muitos interessantes para explorar com o 4º ano, e há coisas em Santarém que se podiam aproveitar e realmente fazer atividades, explorar muito bem, fazer um trabalho cooperativo com outra turma, por exemplo, do 4º ano, ou fazer trabalhos em que os alunos exporiam ao resto da escola os trabalhos que faziam, para eles também saberem o que é que o 4º está a fazer, mas depois tenho o 1º ano. Essa é a desvantagem, é o tempo, pronto, turmas mistas é sempre muito complicado de lidar com elas, lidar neste sentido, há programas para dar e tempo para dar esses programas, e há alunos que muitas vezes precisam de mais tempo para conseguir acompanhar os programas, e depois falta o tempo para fazer esse tipo de trabalhos que poderiam ser muito interessantes e davam para fazer se as turmas fossem só de um ano de escolaridade, mas já não há, há realmente a turma do 3º ano que é só desse ano de escolaridade, por isso fará outro tipo de atividades e poderá fazer outro tipo de atividades e aproveitar o tempo de outra forma de maneira a conseguir concretizar os mesmos objetivos mas de outra forma; eu com o 1º e 4º não consigo.

## **Professor 2**

**Entrevistador:** Estudo sobre os benefícios da aprendizagem cooperativa para aprendizagem dos alunos, e tentar perceber quais as perspetivas que os professores têm sobre este tema, a aprendizagem cooperativa.

Deste modo começava por perguntar-lhe o que entende por aprendizagem cooperativa?

**Professor 2:** Aprendizagem cooperativa é quando os alunos trabalham em conjunto, há uma entreajuda entre eles e vão à procura, descobrir, e isto tudo em grupo, trabalho de equipa, pronto.

**Entrevistador:** Já alguma vez utilizou aprendizagem cooperativa na sua prática profissional?

**Professor 2:** É assim, no início, há uns anitos atrás, aliás, eu gostava não era propriamente aprendizagem cooperativa, eu gostava mesmo de os ter na sala mesmo em grupo para que, sempre que houve momentos em que eles pudessem trabalhar em conjunto, o fizessem, pronto, não eram momentos específicos para aprendizagem cooperativa, mas sempre que havia atividades, e às vezes havia algumas especificamente que eles trabalhavam em conjunto, ou seja o trabalho de equipa, e que faziam, mas mesmo na disposição da sala de aula tinha-os em grupo para fazerem isso sempre que era possível. Só que eram turmas pequenas. Nós agora temos 26 alunos, e, por exemplo, mesmo num trabalho de pesquisa, em que eles têm, aí não será tanto a aprendizagem cooperativa, porque eles dividem muito as tarefas, mas também há partes em que eles trabalham em conjunto e se ajudam, mesmo isso, é horrível, porque o ruído que se gera, eles têm de estar em salas diferentes e o professor não consegue apoiar os grupos todos, porque há grupos que acabam por ficar sozinhos e um bocado perdidos porque falta o apoio do professor, é isso que eu sinto. É muito bom, é excelente, só que nós temos muita dificuldade em gerir tanta gente a trabalhar assim, porque também como não fazemos muito, eles também não são tão autónomos, precisávamos de o fazer mais vezes para que eles ganhassem mais autonomia, e com o número de alunos, com os programas que nós temos, vamos sempre adiando um bocadinho e eles não ganham,

se calhar, se nós investíssemos muito no início, eles ganhavam muita autonomia e adquiriam capacidades que assim não adquirem, e que por isso ainda é mais difícil,

**Entrevistador:** Se calhar se fosse logo de início nos primeiros anos de vida

**Professor 2:** só que logo no primeiro ano nós temos currículos extensos, que parece que temos muito tempo, só que são meninos que têm de aprender uma série de coisas e que demoram tempo, porque o ritmo deles é lento, agora que é muito importante, é. Aliás, nós estamos a assistir os nossos alunos estão cada vez mais competitivos, mas aquela competição negativa, porquê, porque não estão a aprender a trabalhar em equipa, não estão a aprender a autoajuda, a entreaajuda, e isso é muito complicado

**Entrevistador:** são muito individualistas

**Professor 2:** estão a tornar-se, cada vez mais individualistas, e quando começamos, eu por exemplo tenho esta turma pela primeira vez, 3º ano, fizemos um trabalho de pesquisa em grupo e é extremamente difícil para alguns, porque eles não conseguem cooperar uns com os outros, eles estão a trabalhar em grupo mas cada um para seu lado, e cada um a querer impor a sua vontade, por isso eles não conseguem, é a parte do cooperar, fazem a parte no trabalho de grupo

**Entrevistador:** Mas não há cooperação no trabalho

**Professor 2:** é isso, quando têm de partilhar e decidir em conjunto como é que vamos fazer e ajudarem-se e chegarem a um consenso para um objetivo, que aquele trabalho é fruto do trabalho de todos eles, tanto que quando é para por defeitos eles dizem logo "foi aquele, foi o outro", não falam no "nós", mas gostam muito, e é uma coisa que nós devíamos trabalhar mais, só que, com os currículos que temos, precisávamos de tempo para isto, e depois, logo no 1º ano temos também currículos já muito extensos, temos de dar as letras todas, eles têm de ficar a ler bem, e andamos nesse stress, e acabamos por não dar tempo a estas coisas.

**Entrevistador:** Que vantagens identifica neste método de ensino/aprendizagem da aprendizagem cooperativa?

**Professor 2:** Eles têm sempre o apoio de alguém quando trabalham em conjunto, às vezes a forma como eu explico não chega até eles, e às vezes um colega que tenta ajudar, se calhar tem uma linguagem muito mais próxima, e por vezes consegue explicar aquilo que, se calhar, eu, com a minha linguagem não consegui, e depois as dúvidas de uns acabam também por ser dúvidas de outros, e quando eles partilham as dúvidas deles, se houver alguém que sabe, conseguem ter mais benefícios, não é, porque há sempre alguém que sabe aquele aspeto que o outro não sabe e complementam-se.

**Entrevistador:** E desvantagens?

**Professor 2:** Desvantagens....? É o desestabilizar um bocadinho a sala, porque sendo muitos, é aquilo que eu digo, é muito mais difícil de gerir o espaço e o ruído, porque são pequeninos, tendem a falar muito mais alto e depois é mais difícil de gerir o espaço, mas a questão está aí, e precisamos também de mais tempo, porque as coisas não são tão rápidas como nós queremos, têm um tempo, e é isso que nos falta agora, e que pode ser uma desvantagem, é que demoram mais, precisam de mais tempo, que nós não temos.

**Entrevistador:** Há alguma situação importante que considere relevante referir a esta entrevista, no contexto da aprendizagem cooperativa que não tenha sido abordada?

**Professor 2:** Agora assim de repente não me estou a lembrar de mais nada assim que não tenha falado.

**Entrevistador:** Pronto, agradeço-lhe a entrevista, era isto, para tentar perceber como é que é trabalhado, se é, ou não é, portanto agradeço-lhe.

**Professor 2:** Mas, a sensação que eu tenho é de que cada vez é menos trabalhado, por causa da pressão que nós sentimos...

**Entrevistador:** Surgiu-me esta questão em jardim, senti em jardim que as crianças trabalhavam muito individualmente, e a ideia que eu tinha em jardim era de que as crianças trabalham muito em grupo, e não individualmente, e então estranhei. Óbvio que percebi que no 1º CEB é um bocadinho complicado, não é impossível de todo, é complicado, temos de saber gerir muito bem o tempo, e o grupo que temos, porque não é com qualquer grupo...

**Professor 2:** Também não falámos disso. Esse é um aspeto importante. Há crianças que precisam muito disto, têm muita dificuldade em gerir o trabalho, em partilhar as coisas, porque eles vêm muito das famílias, são únicos filhos,

**Entrevistador:** muitos nem sequer passam pelo jardim

**Professor 2:** a maioria agora passa, mas se no jardim se trabalhar de forma muito individualizada, eles na família têm muito isso, e são muito individualistas, e esses são aqueles que, depois, aqui na sala, nós temos muito, são grupos, há grupos que não funcionam de maneira nenhuma, porque têm alguns elementos que são conflituosos, ou que querem impor sempre a sua vontade; depois temos os outros que nunca querem participar, que se deixam estar sempre sem participar, e isso depois é difícil de gerir, porque há elementos que são sempre um problema em todos os grupos, e depois é engraçado, ver outros grupos, às vezes basta ter um elemento que tem facilidade, que consegue ser dinamizador daquilo tudo, consegue por todos a trabalhar, pronto há elementos, e daí a importância porque nós temos na escola, cada vez mais, competição. Eles não competem com eles mesmos, fazer cada vez melhor,

**Entrevistador:** e não é só nestas idades; eu fiz 5 anos aqui em Santarém, numa turma só de mulheres, e havia muita competição, muito individualismo, eram poucas as pessoas que sabiam realmente trabalhar em grupo,

**Professor 2:** e perceber que o trabalho em grupo é muito mais produtivo, fazemos coisas muito melhores, quando trabalhamos em equipa e em grupo, quando colaboramos,

**Entrevistador:** pois porque uma pessoa pode estar mal, mas com apoio de outra, vão-se apoiando um ao outro, o que não há no trabalho individual

**Professor 2:** porque eu domino melhor esta área, o outro domina melhor aquela, e no fundo o todo é muito mais harmonioso, até em termos de ideias, eu tenho uma ideia, e o outro tem logo uma ideia que complementa a minha, se as pessoas souberem colaborar, senão o outro quer é impor a sua ideia, para substituir a minha, e é importante, até porque as turmas ficam com um ambiente, um clima muito mais de ajuda, muito menos conflituoso, e nestas idades acontece que não se põe meninos de parte, eles aceitam os colegas, mesmo os mais fraquinhos, os que têm aquela dificuldade, se houver este tipo de trabalho. Quando não há, há sempre meninos que são um bocadinho segregados, porque não sabe, porque não é bonito, porque cheira mal, e este tipo de trabalho, eles aceitam-se uns aos outros, porque, depois, começam a perceber que aquele menino tem muitas dificuldades, mas até é bom a fazer isto, e começam a ver os aspetos positivos de cada um, pronto, e é uma pena, realmente, mas também, às vezes, é culpa nossa, porque é difícil, é difícil, e então nós tendemos a deixar para depois, não vou começar já, eu devia fazer este trabalho, mas... e às vezes podemos começar com um trabalho simples, começar a par, que já é um princípio de um trabalho colaborativo não é, e depois ir aumentando o tamanho do grupo, ou a três, bem três é sempre um número complicado, mas começar a pares e depois aumentar para quatro, e ir tentando fazer isso, quando se apanha do 1º ao quarto, se calhar, é um bocadinho mais fácil, não sei, mas nós temos sempre, como é difícil, tendemos sempre a deixar para depois, eu acho que é um bocadinho isso, porque os exames, tudo, a nossa preocupação, tenho de me despachar, tenho de fazer, tenho de cumprir....

**Anexo III - Quadro de análise da entrevista**

	<b>Unidade de Registo</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
<p><b>1. Perspetivas das educadoras e professoras sobre a Aprendizagem Cooperativa</b></p>	<p>Cooperação entre crianças;            Construir objeto comum;            Entreaajuda;            Trabalho de equipa;            Interação entre crianças;</p>	<p align="center"><b>Aprendizagem Cooperativa</b></p> <p>“(…) para mim a aprendizagem cooperativa é, de facto, as crianças conseguirem cooperar para aprender. (…) estou a olhar ali a área das construções, aquilo é fruto <i>(estava uma construção no chão da sala feita pelas crianças)</i> de uma aprendizagem cooperativa. Eles acabaram de estar num grupo a construir um objeto comum, em cooperação, um dá uma ideia, outro dá outra ideia. (…) é fruto do trabalho de pequeno grupo.” <b>Educadora 2</b></p> <p>“há (…) situações que são situações espontâneas (…) E depois há situações mais estruturadas em que se utiliza mesmo, com intenção a aprendizagem cooperativa.” <b>Educadora 2</b></p> <p>“Aprendizagem cooperativa é quando os alunos trabalham em conjunto, há uma entreaajuda entre eles e vão à procura, descobrir, e isto tudo em grupo, trabalho de equipa, pronto.” <b>Professor 2</b></p> <p>“ (….) interagirem as crianças (….) ”</p> <p><b>Educadora 1</b></p> <p>“ (….) cooperação (….) não é a questão quantidade, não é mais nem menos, é as diferentes experiências, as diferentes capacidades e as diferentes aprendizagens, conhecimentos, eles poderem realmente, uns</p>

		com os outros, rentabilizar, não é, rentabilizar, trocar, questionar.” <b>Educadora 2</b>
<b>2. Aprendizagem cooperativa como estratégia de aprendizagem em</b>	<p>Motivação para as crianças;</p> <p>Avaliar os conhecimentos das crianças;</p> <p>Pré-escolar como fase ideal para implementar a aprendizagem cooperativa;</p>	<p>“(…) é uma das estratégias que resulta para motivar as crianças para a participação nos projetos, para uns com os outros ajudam-se mutuamente. Gostam de trabalhar mais com a motivação de um colega até do que propriamente o adulto.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Já se recorreu ao método tradicional, depois para podermos avaliar se a criança têm ou não têm determinado conhecimento, ficamos mais libertas para essa observação, para essa avaliação se colocarmos o grupo em aprendizagem cooperativa.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“(…) o pré-escolar é a fase etária ótima para eles fazerem essa aprendizagem porque eles partem aqui numa turma heterogénea, como a nossa, eles partem de uns três aninhos muito egocentros, (...)” <b>Educadora 2</b></p>
<b>3. Identificar as vantagens e desvantagens da aprendizagem cooperativa para o processo</b>	<p>Autonomia;</p> <p>Motivação;</p> <p>Mais conteúdos;</p> <p>Mais participação de todas as crianças;</p> <p>Cumprimentos de</p>	<p><b>Vantagens</b></p> <p>“(…) eles ficam mais autónomos, (...) mais motivados, (...) participam e não se dispersam” <b>Educadora 1</b></p> <p>“(…) aborda-se mais conteúdos, mais participação de todas as crianças, mais autonomia, cumprimentos de regras.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Trabalha-se várias áreas de conteúdo</p>



<p>Não existem;</p> <p>Apenas para o adulto;</p> <p>Dificuldade e em gerir o espaço;</p> <p>Pouco tempo;</p>	<p>exemplo (...)” <b>Educadora 2</b></p>
--	--